CHUMBO GROSSO

KEN SEVERSON

ÁRVORE DO SUPRÍCIO

CHUMBO
GROSSO

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 16

TÍTULO: ÁRVORE DO SUPLÍCIO

CAPA: BENICIO

AUTOR: KEN SEVERSON

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1983

PREÇO DA PUBLICAÇÃO: CR$ 180,00

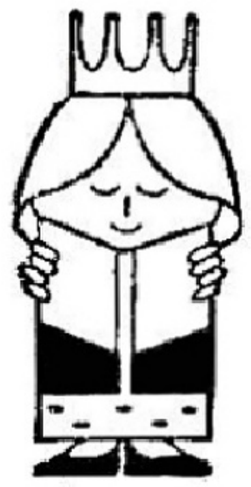
PÁGINAS: 128

ÁRVORE DO SUPLÍCIO

KEN SEVERSON

Capa de BENICIO

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE



EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, n° 81
Caixa Postal n 24.119 – ZC-09
20.550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA

MCMLXXXIII Publicação no Brasil
Composto e impresso por:
GRAFICA EDITORA LORD
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Império feito de sangue

Max Sterling caminhava sem pressa pela margem do rio, puxando o cavalo pela brida. Era meio-dia e um enorme sol vermelho parecia querer reduzir tudo s cinzas. Em torno, a planície excessivamente iluminada, se perdia de vista.

Fazia sete dias que saíra de Dallas e naquela manhã, quando já estava se sentindo derrotado pelo calor, o cansaço e a sede, vira afinal surgir o Rio Pecos. Agora, subindo a corrente, chegaria logo ao fim de sua viagem. Para trás tinha ficado a planura seca e amarela; agora em todas as direções se estendia uma paisagem feita de mil tons de verde, cortada por distantes montanhas que de longe pareciam envolvidas num véu muito tênue. Lá, junto a Serra Branca, corria o Rio Grande.

Max Sterling montou novamente e continuou seu caminho. Mais de meia hora depois, fez uma curva e viu a sua frente um pequeno bosque de álamos. Debaixo das árvores estava abrigado um rebanho de ovelhas e um homem pequenino. Deitado no chão com a cabeça apoiada na raiz de uma árvore, ele tocava um instrumento desconhecido para Sterling, mas que no formato tinha alguma semelhança com uma flauta. Os sons, porém, eram muito mais doces, quase dolentes. Sterling desmontou bem junto do homem, saudando:

— Bom-dia, avô. Que instrumento é esse que está tocando?

— Uma ocarina, não está vendo? — o tom do velho foi de surpresa. — Bom-dia para você também.

— Eu nem sabia que existia algum instrumento com tal nome — Max Sterling se sentou noutra raiz da árvore, puxou o chapéu bem para trás e acrescentou: — Que calor, hem?...

O velho deixou de tocar, mas não mudou de posição e respondeu:

— Está no tempo dele, mas realmente, vamos ter um verão feroz. Mas aqui na sombra não se sente muito a temperatura.

— Mas no caminho, avô, pensei que tinha caído no inferno. Levei sete dias para atravessar a planura; pensei que ela nunca teria fim. Mas não há no mundo o que não tenha começo e fim... Pode me dizer como se vai às terras dos McDowell?

Desta vez o velho sentou-se, claramente surpreso e depois de uma vacilação respondeu:

— Já está em terras dos McDowell.

— Mas não há por aqui perto um povoado chamado Las Cruces?

— Povoado, não, há uma cidade. Fica na vertente da Serra Branca. O povoado a que você se refere deve ser Peñasblancas.

— É, já ouvi falar dele... Fica longe?

— Não muito. Se situa entre a extremidade da planície em Las Cruces e o Vale do Sol, onde fica a casa central dos domínios dos McDowell. Seguindo sempre pela beira do Pecos, quando chegar naquelas colinas você já pode ver Peñasblancas ... — apontou o velho.

Os olhos experimentados de Max Sterling avaliaram a distância. Não era tão curta quanto o velho fazia crer, mas também não era tão grande que o impedisse de ficar mais um pouco ali, descansando. Enxugou o rosto molhado de suor e sorriu para o velho que o observava com curiosidade.

— Vai para lá com intenção de encontrar trabalho? — perguntou por fim.

— Exatamente. Quem dirige todo o império dos McDowell, avô?

— Quem mais se não o velho Michael?

— Você o conhece pessoalmente?

— E como não ia conhecer, se fomos pioneiros aqui! Faz muitos anos, mas para mim é como se fosse hoje. Estávamos numa caravana das maiores que já foi organizada neste país. Pretendíamos ir para a Califórnia, mas acabamos ficando por aqui mesmo. De todos os homens válidos da caravana, eu e Michael somos os únicos sobreviventes.

— Não diga! Como isso pôde acontecer? — surpreendeu-se Sterling. — Onde foram parar os outros?

— Morrendo, morrendo, morrendo... A vida aqui foi muito dura no início, amigo. Dura e violenta. Combatemos índios, bandidos brancos, quadrilhas de mexicanos, desertores, ladrões, assassinos, rufiões de toda espécie. Mas houve mais e pior; a luta entre nós mesmos, sem outra lei que não fosse a do mais forte. Quem sobrou, acabou procurando outro lugar

para viver, você sabe, enquanto há vida há esperança. Michael McDowell acabou ficando aqui sozinho e dono de tudo.

— E você?

— Eu também fiquei.

— Mas sem nada...

— Tenho tanto quanto tem Michael McDowell, amigo, ou seja, todas as coisas que ambiciono.

— Não entendi... — Max Sterling não pôde deixar de dar uma olhada às roupas do velho, que eram muito pobres.

— Michael McDowell era um lutador ambicioso, cheio de cobiça, apaixonado pela guerra do mais e mais. Eu gosto da paz, do sol forte e da chuva, do céu sem nuvens ou carregado delas, do verde e dos animais, da música e do ar livre batendo em meu rosto. Tenho tudo isso.

— Pode me falar mais sobre Michael McDowell?

— Bem... ele é como um velho roble solitário.

— Não tem família?

— Claro que tem e até numerosa. Se casou três vezes e teve filhos de todas as mulheres. Mas nenhum parece com ele, e ele não parece com nenhum.

— Você fala muito complicado, não entendo o que quer dizer com isso...

— Nem eu sei explicar melhor. Mas complicada mesmo é aquela família e o melhor é você ir se inteirando dela devagar, quando estiver trabalhando para ela — o velho olhou para sua ocarina, alisou-a e depois de manter o silêncio por um minuto ou dois, Max Sterling falou tentando aparentar indiferença:

— Ouvi dizer que há uma grande quadrilha de bandidos que mantém aterrorizada toda a comarca. É verdade? Me disseram que era comandada por um sujeito chamado Fosco Arenas...

— Não sei nada disso nem conheço ninguém com esse nome... — respondeu o velho depois de um brevíssimo silêncio. — Mas não é de estranhar; faz muito tempo que não saio destas paragens e como já disse, só gosto da paz. Pergunte em Peñasblancas, lá pode ser que alguém possa dar informações.

Max Sterling sentiu que a sinceridade do velho tinha desaparecido como neve ao sol. Mas não insistiu, principalmente porque estava olhando

com atenção a nuvem de poeira ainda um tanto distante, mas que corria para onde eles estavam. O velho também deve tê-la percebido, porque de repente se levantou dizendo um tanto apressado:

— Está ficando tarde, minhas ovelhas precisam ser levadas para o redil. Você também não deve demorar por aqui se quiser chegar a Peñasblancas antes do anoitecer — deu alguns passos, parecendo indeciso e finalmente encarou Sterling concluindo: — Vou lhe dar um conselho. Se estiver com Michael McDowell não o contrarie em nada.

— Essa não, ele não pode estar sempre com a razão! — exclamou Sterling.

— Pois está. A razão para ele se chama revólver. E até agora ele sempre levou a melhor. Ouça o que eu digo, a não ser que você tenha... razões mais poderosas, não o contrarie.

— Obrigado pelo conselho, avô — sorriu Sterling. — Vou procurar não me esquecer dele.

— Boa viagem... — o velho deu mais um passo e de novo se deteve prosseguindo: — Outra coisa, não seja muito curioso, os ares destas terras não fazem nada bem aos curiosos.

Max Sterling ia responder, mas então a nuvem de poeira já se transformara em três cavaleiros que avançavam para eles como se tencionassem esmagá-los com suas montarias. Dois refrearam os animais ficando um pouco para trás enquanto outro avançava de olhos no forasteiro, mas gritando para o velho:

— Com todos os diabos, Tom, lá está você. por aqui de novo com seus malditos bichos! Não vai aprender nunca?

— Isto aqui não... — começou o velho, mas o homem meteu o cavalo no meio do rebanho de ovelhas chicoteando-as sem piedade. As ovelhas se dispersaram apavoradas e o colérico cavaleiro gritou: — Desapareça daqui de uma vez por todas, Tom; se voltar a encontrá-lo no meu caminho, não vou deixar uma só ovelha viva, entendeu bem? Não, você não entende nada se não for assim... — agitou o chicote e o desceu sobre o velho, que se contraiu todo, protegendo o rosto com as mãos. Aí Max Sterling deu um salto para a frente bradando:

— Não se envergonha de tamanha covardia? Não vê que ele é apenas um velho inofensivo?

O vaqueiro ficou olhando para Sterling sem falar. Sua cara estava rubra e os dois companheiros se aproximaram. Desmontaram em seguida como se fossem um só homem e o que parecia o chefe tornou:

— Quem diabo é você?

— Um viajante, não está vendo? — replicou Sterling sem nenhum temor. — Parei aqui para descansar e conversar com o velho pastor de ovelhas. Por acaso por aqui é crime fazer isso?

— Que mentiras desavergonhadas esse velho louco andou contando-lhe? — voltou o homem.

— Mentiras? O que você chama mentiras?

— Tudo o que esse doido do diabo diz é mentira. Ou você não notou que ele devia estar enjaulado?

— Não, pelo contrário, ele tem uma conversa amena e perfeitamente racional.

Os três vaqueiros examinavam cada centímetro do metro e noventa de Max Sterling. Todos eles pareciam feitos num só molde; tinham expressão brutal, olhos que pareciam pedacinhos de gelo e transpiravam violência.

— Para onde está indo? — voltou a falar que parecia o chefe. — Para a Califórnia?

— Pode ser que sim, pode ser que não.

— Com mil demônios, como é que não sabe?

— Porque não sei.

— Pois acho bom se orientar, não perdeu nada aqui; seu caminho é para o norte. Por trás das montanhas vai encontrar o caminho para Albuquerque. É a melhor maneira de chegar à Califórnia. Para o sul a estrada vai dar na fronteira com o México.

— Obrigado pelas informações que não pedi — riu Sterling.

— Eu as dou de graça, porque qualquer uma das duas direções serve mais a você do que seguir pela beira do rio. Faça o que eu digo e não vai se arrepender.

Max Sterling recuou três passos olhando fixamente para os homens a sua frente e disse:

— Pode ser que eu siga seu conselho, pode ser que não. De qualquer modo, obrigado e até a vista — voltou-se e saiu em busca do cavalo que triscando erva, se afastara um pouco.

— Você acreditou? — indagou baixinho um dos vaqueiros para o chefe.

— Não.

— Quem será ele? — indagou o outro.

— Não sei, mas posso comprovar uma coisa.

Max Sterling virou-se com a rapidez de uma centelha, já de revólver na mão. Com a rapidez de uma faísca o vaqueiro tinha afastado a mão que levara ao revólver e indagou com ironia:

— Alguma cobra o picou?

Todos os vaqueiros tinham os braços caídos ao longo do corpo, com as mãos afastadas das armas. Max Sterling olhou firme para eles e respondeu:

— Pode ser que eu me tenha enganado, pode ser que não...

— Parece que você costuma ter pesadelos... — zombou o vaqueiro.

— Não exatamente, só os tenho quando sonho com traidores.

— Pois se continuar seguindo o rio trate de ficar acordado, os ares destas terras não são nada bons para quem gosta de dormir demais...

— Mais um conselho que eu devo agradecer — zombou Sterling. — Esse também é grátis?

— É o último assim, o próximo já vai ser pago.

— Se não for muito caro não me importo...

— Sterling saltou para a sela, meteu o revólver no coldre e arrancou a toda velocidade. Os três vaqueiros ficaram olhando até perdê-lo de vista e o chefe se voltou para um dos companheiros dizendo:

— Joe, siga o homem pelo atalho, de longe e sem ser visto. Uma coisa já sabemos sobre ele. É perigoso, muito perigoso mesmo.

* * *

Vinte vezes Max Sterling fez a pergunta e vinte vezes a resposta foi a mesma:

— Fosco Arenas?... Não, nunca ouvi falar nesse nome...

As perguntas foram feitas nos saloons, bares, cafés, restaurantes, no armazém geral, na loja de tecidos, na barbearia, para homens, mulheres e crianças. Parecia que todo mundo tinha ensaiado aquela resposta e a davam com o mesmo tom de voz. Peñasblancas era como toda povoação do oeste que não chegara a cidade, uma larga rua única com edifícios de adobe ou

madeira construídos sem nenhuma preocupação com o alinhamento. Mais ou menos em sua metade, ela se alargava ainda mais, formando uma praça. Ali estavam as melhores construções; a prefeitura, a cadeia, o armazém geral, o melhor saloon e os dois ou três bares e restaurantes de melhor categoria e algumas residências.

No fim da rua abrindo-se para a pradaria e sobre uma pequena elevação artificial ficava a igreja pintada de branco, com um campanário que sobressaía contra o céu ardente e muito azul. Para além, onde acabava a planície amarelada, saíam os três caminhos que levavam, um para o norte e a San Diego; o do sul que ia para Serra Branca e o do centro, que levava ao Vale do Sol e à casa-grande do império McDowell. E foi por este último caminho que um cavaleiro galopou como um louco, entrando em Peñasblancas como um corisco, gritando a plenos pulmões:

— Fosco! Fosco! Fosco! — e a seguir desapareceu numa nuvem de poeira pela outra extremidade da rua enquanto o aviso era repetido pela população de Peñasblancas em peso, que corria como baratas estonteadas em todas as direções:

— Fosco! Fosco! Fosco!

Mulheres arrebanhavam os filhos, outras corriam diretamente para suas casas, homens fechavam as portas de seus estabelecimentos comerciais, janelas eram fechadas com um baque seco e violento. Num abrir e fechar de olhos a povoação parecia um lugar completamente desabitado. Menos de cinco minutos depois, pelo lado em que ficava a igreja, surgiu o grupo de homens cujos cavalos pareciam tão loucos quanto eles; galopavam freneticamente enquanto os cavaleiros faziam uma algazarra infernal, dando tiros para o alto, homens e animais envoltos numa espessa nuvem de poeira.

Aquele esquadrão de dementes chegou até o outro extremo da rua, voltou e estacionou na pracinha. Um homem deu algumas ordens e quatro cavaleiros se afastaram, colocando-se na praça, formando um quadrilátero. Outros dois se colocaram equidistantes, um para o lado da igreja e o outro no lado oposto. Os outros caminharam para o único estabelecimento aberto, o melhor saloon da cidade. O dono saiu de trás do balcão e com uma curvatura e um sorriso servil, exclamou com grande entusiasmo:

— Benvindo a Peñasblancas, Fosco Arenas...

— Olá, Blake — respondeu o bandido tirando Blake do caminho com um empurrão. — Dê bebida à minha gente. Estamos cansados e ainda há

muito o que fazer. Vamos, rapazes, vão pedindo... Quais são as novas, Blake?

— Nada de importante; sempre o mesmo, as minas, a estrada de ferro, os assuntos de McDowell...

— O que há com McDowell?

— Nada de novo, só que dizem que desta vez o Governo avisou que era a última advertência que fazia. No mais é a política, os impostos, o projeto da ferrovia... sabe como é o velho.

— Ele prefere que lhe tirem a pele vivo a consentir em se desfazer de um só palmo de suas terras — riu o bandido. — E faz muito bem. Se todos os homens fossem como ele o mundo não estava tão nojento como está — era o único em pé diante do balcão, os outros tinham se espalhado pela sala. Quase todos tinham ido pegando as garrafas que Blake pusera em cima do balcão e as abriam com o simples expediente de quebrar o gargalo na borda das mesas. As mãos de Blake tremiam visivelmente enquanto ele servia Arenas e o bandido deu uma risada observando: — Não precisa ter medo, homem, que diabo, um saloon não é exatamente o melhor lugar para um covarde. E não receie pelo pagamento, eu sempre pago e muito bem...

CAPÍTULO SEGUNDO

Mistérios de um potentado

Feliz por não ter deixado derramar nem uma gota de uísque fora do copo, Blake se arriscou a comentar:

— Creio que você não tem queixa de mim, eu sempre me esforço para servi-lo o melhor possível ...

— Claro, claro... Somos tão amigos que hoje você vai beber comigo na festa... — Fosco Arenas pegou outra garrafa e encheu um segundo copo, espalhando a bebida por todos os lados. Beba... Como eu disse, hoje vai haver uma festa.

Blake empalideceu e tremeu ainda mais. Tinha uma incapacidade natural e profunda pelo álcool.

— Mas não sei se sabe, eu... — começou a gaguejar, mas Fosco Arenas bateu a garrafa com força em cima do balcão, exigindo:

— Beba! — Blake engoliu tudo de um só trago e o bandido continuou: — O que me diz dos Rurais que tão amavelmente acolheu em sua casa?

Blake sentiu a morte roçar sua cabeça. Lívido, gaguejando, respondeu:

— Eles entraram aqui apenas para beber um trago, nada mais. Disseram que estavam de passagem. Mas já era bem tarde e pediram acomodações na minha pousada. Saíram bem cedo na manhã seguinte, eu nem os vi, pois tinham pago adiantado.

— Quem deu a dica?

— Dica? — Blake mal podia falar.

— Ontem eles me estragaram um negócio que eu tinha prontinho nas obras da ferrovia. Hoje estão todos dormindo no pântano. Mas isso não basta; a brincadeira me custou a vida de três homens e eu quero o pássaro cantador. A dica sobre o negócio foi dada aqui, não negue porque eu já sei quem foi. Portanto, conte quem a deu ou vai ser degolado aí mesmo por trás desse balcão.

Blake estendeu o olhar pelos arredores. Por todo lado só viu caras tão terríveis quanto a de Fosco Arenas; todos sabiam o que tinham ido fazer ali

e pareciam feras sedentas de sangue.

O dono do saloon não ousou enxugar o suor frio que lhe banhava o rosto, limitando-se a murmurar:

— Não pode ser outro, tem que ser Stanton... O capataz do serviço de medição de terras. Tem que ser ele...

— Como sabe?

— Porque foi o único dos meus clientes que se aproximou dos Rurais, falou com eles. E de manhã saiu com eles, os acompanhou até a entrada do vale.

Fosco endireitou o corpo, encheu o copo de bebida, engoliu tudo de um trago e elevou a voz dizendo:

— Quatro aqui. — Imediatamente quatro homens abandonaram as mesas e a bebida, se aproximando do chefe que prosseguiu: — Você vai com eles para mostrar onde vive esse Stanton, Blake. Rapazes, se o homem não for encontrado ou se ficar provado que este patife mentiu, vamos acabar com ele.

Blake saiu de trás do balcão sentindo todo o corpo dormente. Dez minutos depois o grupo estava de volta trazendo um homem com os pulsos fortemente atados por uma corda que se estendia além da garupa de um dos cavalos. Não havia dúvida de que ele fora bastante espancado, porque suas roupas tinham manchas de sangue e sua cabeça pendia para o peito, como se ele não tivesse mais forças. Caminhava três passos, dois e era arrastado pelo cavalo. Se levantava e o castigo recomeçava. Os emissários de Fosco Arenas faziam uma tremenda algazarra e seus companheiros assim como o chefão, saíram para a calçada.

— Seu nome é Stanton? — indagou Arenas chegando junto do prisioneiro. O homem não respondeu. Conseguira ficar outra vez de pé e olhava para o bandido com uma expressão tal de ódio, que chegava a ser uma manifestação de coragem. — Você é acusado de ter revelado a Rurais indecentes a presença de minha gente nas proximidades do túnel de Springs Rock. O que responde em sua defesa?

O olhar de Stanton mostrou surpresa, mas nenhum medo. Com voz extraordinariamente firme para o estado em que estava falou afinal:

— Respondo a tudo que você quiser, mas como um homem. Mande que me desatem primeiro.

— Não amarramos sua língua — replicou Arenas. — Pode falar assim mesmo como está. Pode até se defender se quiser.

— Me defender de que? — replicou Stanton. — Eu só faria isso cara a cara, de homem para homem, mas você não aceita isso porque não passa de um covarde.

Fosco Arenas pareceu emagrecer subitamente. Sua cara pareceu talhada em pedra, mas numa pedra que de repente ficasse amarelada. Todos os seus músculos ficaram tensos e os olhos se transformaram em duas fendas geladas. E tudo aquilo desapareceu como tinha aparecido, de repente. Então ele riu respondendo:

— Sua reação não me desagrada... Gosto de homem macho de verdade. Olhe para ele, Blake e aprenda como se morre com dignidade. Joe, dê um revólver a Stanton.

— Mas chefe, vai se arriscar a...

— Dê o revólver a ele, já disse — cortou Arenas. A ordem foi cumprida e ele continuou: — Aqui estamos como pediu, cara a cara, de homem para homem, Stanton.

— De mãos amarradas?

— Idiota, desate as mãos dele — berrou Fosco Arenas e mais uma vez foi obedecido. Ninguém tinha dúvidas sobre o que ia acontecer. Além de ser um homem pacífico, que se ocupava unicamente em medir terras desapropriadas para por elas passar a ferrovia, Roger Stanton, fora maltratado antes. Por melhor atirador que fosse e não era, ainda estava trêmulo das pancadas e de ser arrastado por um cavalo desde sua casa até ali diante do saloon. Em contrapartida, Fosco Arenas que era um verdadeiro ás, em matéria de armas de fogo, estava repousado, tranquilo.

Stanton sacou com precipitação e atirou com mais precipitação ainda. Exibindo toda a sua frieza e técnica, Arenas imitou os gestos dele simultaneamente, sem se retardar nem se apressar. Assim os dois tiros soaram ao mesmo tempo. Só que Stanton pareceu ter se chocado com um muro invisível; fez um pequeno recuo e em seguida caiu de bruços. Fosco Arenas manteve-se de pé, ereto, frio, distante e só um minuto depois meteu o revólver no coldre e se voltou para sua gente dizendo:

— Assunto liquidado. Agora o pendurem pelo pescoço nessa árvore — apontou para o velho roble que fora deixado bem no meio da pracinha. —

Quero que todos o vejam para saber o que acontece a qualquer um que tente me trair.

De novo os bandidos percorreram a rua duas vezes, atirando para o ar e gritando:

— Todos para a praça, quem se recusar vai pagar caro!

Uma verdadeira procissão de homens, mulheres e crianças começaram a sair de suas casas. Gente velha e doente era amparada por parentes, bebês de colo eram levados por suas mães ou irmãs; absolutamente ninguém ousou desobedecer ao chamado. Quando todo mundo estava reunido, Foseo Arenas arengou:

— Olhem bem para este homem — apontou o cadáver que balançava. — Este é o castigo que dou a qualquer um que pretenda me trair. Se alguém tem semelhante idéia, não diga depois que não foi avisado... — Fez um gesto, montou, e todos os seus homens o imitaram. Deixaram Peñasblancas como tinham chegado, fazendo algazarra e dando tiros para o alto.

Cinco minutos depois da partida do bando, Max Sterling entrou na rua principal e única, lançou um olhar sem interesse para a praça e entrou no saloon pedindo:

— Uísque para pois.

— Para dois? — indagou Blake, que se sentia aliviado e estava novamente corado e saudável. — Onde está seu companheiro?

— Não tenho companheiro, vou beber com você. — Blake vacilou, arregalando os olhos, mas Sterling exigiu: — Vamos, sirva e beba.

Havia alguma coisa naquele homem que pôs um calafrio na espinha de Blake. No seu entender, o forasteiro tinha algo que o fazia ainda; mais perigoso do que o bandido que acabava de deixar o povoado. Serviu a bebida e tocou o copo no que o forasteiro lhe estendia brindando:

— Por Fosco Arenas!

— O quê? — os olhos de Blake quase saíram das órbitas; ele pousou o copo sobre o balcão, desnorteado.

— O que eu disse — respondeu Sterling friamente. — Vamos brindar pelo homem do momento.

— Fale claro de uma vez...

— Você conhece Fosco Arenas, homem: conhece melhor do que ninguém e possivelmente há muito mais tempo. Temos que falar sobre isso com muita calma.

— Vá embora — Blake arranjou coragem no fundo de si mesmo. — Vá embora daqui agora mesmo e não volte mais — fez um movimento como se fosse pegar algo debaixo do balcão, mas o forasteiro cortou o gesto ao meio levando a mão à própria arma e dizendo com decidida entonação:

— Quieto, idiota. O momento de se fingir valente foi antes, não agora.

— Quem diabo é você e o que quer afinal?

— Falar de Fosco Arenas, só isso.

— Comigo?

— Com você precisamente.

— Mas por quê?

— Tá disse, você sabe sobre ele muito mais do que qualquer outra pessoa aqui. O papel de delator é sempre muito sujo e nojento. Só. melhora um pouquinho quando é feito em benefício da lei e da justiça embora ela não pague tão generosamente como aquele assassino covarde...

— Polícia? — a voz de Blake saiu num sopro.

— Não é de sua conta. E não diga mais uma palavra antes de entrarmos por aquela porta — Sterling apontou a porta coberta por uma suja cortina, que havia por trás do balcão. — Saltou para dentro com um pulo ágil ao mesmo tempo que continuava: — E não tente me enganar, não sou tão cretino quanto Fosco Arenas.

— Está bem, venha comigo — Blake se virou e passou pela porta.

Todavia, Max Sterling não conseguiu extrair boas informações do dono do saloon. Ele se limitou a desfiar um rosário das façanhas do bandido. A única mais consistente foi a de que Arenas tinha vindo até Peñasblancas saqueando tudo o que encontrava em seu caminho. Max Sterling sabia de sobra que Fosco Arenas era perigosíssimo e fazia bastante tempo que mantinha aquela região dominada pelo terror. No princípio eram só roubos, assaltos e ataques a um rancho ou outro, depois a coisa crescera de proporções, tornando-se assustadora.

Seu bando era formado por cerca de trinta homens e diziam que seu refúgio era em algum lugar praticamente inacessível das Montanhas Brancas. Muita gente tentou localizar esse quartel-general, mas todos pagaram a tentativa com a vida. Seus golpes eram sempre certeiros e decisivos, desfechados depois de uma longa preparação. Assaltava diligências que escondiam ouro, dinheiro ou viajantes ricos, caravanas que iam para a Califórnia, rancheiros que voltavam dos grandes mercados. onde

tinham vendido importantes rebanhos bovinos e bancos quando eles recebiam dinheiro necessário às suas atividades.

Mas parecia que a grande atração para o bando era mesmo a Companhia Ferroviária South Pacific, ou melhor, o ramal que ela projetava construir, ligando sua linha de Albuquerque com a fronteira do México, cortando aquela região de norte a sul, o que significava dividir as terras pertencentes aos McDowell. Porque não era só o velho Michael quem se recusava a ceder um centímetro que fosse de suas terras, havia também os índios concentrados em reservas próximas. Para eles o cavalo de ferro era uma coisa maldita, que afugentava os búfalos de seus campos de caça, destruía a pradaria e os deixava quase mortos de fome.

Mas enquanto os índios se limitavam a escaramuças, Michael McDowell a brigar através de seus advogados, Fosco Arenas e seu bando agiam pessoal e incessantemente. Ele roubava o dinheiro que vinha para pagar os trabalhadores da obra, destruía os vagões que traziam material, incendiava depósitos e afugentava por mil modos as brigadas de operários. Não fazia muito que ele tinha dinamitado pela terceira vez uma ponte que era indispensável para a passagem de material e de homens para o trabalho na ferrovia.

Muitas brigadas de trabalhadores decidiam resistir aos ataques, mas acabavam se negando a prosseguir depois que trilhos assentados duas ou três vezes eram novamente destruídos a dinamite. Os ferroviários que dirigiam os trens carregados de material, morriam de medo quando faziam aquelas viagens; não fora um nem dois que foram pelos ares inesperadamente. Os depósitos de dinamite iam pelos ares constantemente; operários que trabalhavam em locais mais desertos eram mortos aos montes.

A coisa chegou a um ponto tão insustentável que o governador finalmente resolveu recorrer à Polícia Rural do Texas, pedindo o envio de agentes especiais com a missão de pôr um paradeiro naquele descalabro. Era um trabalho dos mais delicados, porque todas as informações disponíveis davam de que ninguém na região dava informação sobre o bando, só se sabendo que era comandado por um homem chamado Fosco Arenas.

Os escalados para a missão foram o tenente Max Sterling e o sargento Alfred Miller, dois homens inteligentes, experimentados, que foram

enviados ao governador para receber ordens diretamente dele. E ficaram sabendo que não se tratava só de descobrir e anular o bando de Fosco Arenas, mas também de investigar a família McDowell. Deviam descobrir por que o patriarca Michael McDowell se opunha tão tenazmente à passagem da ferrovia por suas terras e avaliar com que forças contavam para o caso de o governo ter que fazer uma investida mais eficiente.

Tinha um mês de prazo para isso. No meio-tempo deviam manter contato constante com o Quartel-General dos Rurais, passando as informações obtidas. Se ambos passassem quinze dias sem dar nenhuma notícia seria o sinal de que tinham morrido na missão e o governo trataria de mandar o Exército para uma ação mais drástica. Os dois Rurais partiram e só se separaram quando chegou o momento de Alfred Miller tomar o rumo de Las Cruces e Max Sterling o caminho para Peñasblancas.

* * *

Max Sterling decidiu não se hospedar na pousada que era explorada por Blake, situada anexa ao seu saloon. Preferiu ir para uma outra, muito velha, mas limpa, cujo dono, um mexicano, dizia com orgulho ter feito parte do pelotão que fuzilou o imperador Maximiliano. Sterling deixou o velho mexicano falar quanto quis, mas quando tentou obter dados sobre Fosco Arenas o homem se fechou num silêncio de pedra. Num dos quartos da velha pousada morava o pastor metodista da comunidade, chamado Francis O'Hara, pessoa simples e sensível, que logo ficou amigo do Rural.

Fora ele quem, contra tudo e' contra todos, retirara do roble o cadáver de Stanton, dando-lhe sepultura cristã no cemitério da localidade. Ao entardecer, Sterling saiu com ele para uma caminhada. O'Hara estava muito preocupado com a família de Stanton e Sterling indagou:

— Não há nada que se possa fazer por ela? Tenho algumas economias; com esse dinheiro essa pobre gente poderia viver algum tempo.

— Estou pretendendo ir até a casa-grande dos McDowell, quem sabe não se arranja lá alguma coisa para ela?

— Em casa dos McDowell, Sterling? — riu padre O'Hara balançando a cabeça. — Como você é ingênuo... Bem se vê que não conhece aquela gente.

— Certo, não conheço, tenho apenas algumas informações vagas. O que há com ela?

— Quem sabe? É uma família muito estranha, parece que vive em outro mundo. Nenhuma pessoa ri, mal falam umas com as outras, vivem se espionando e se odeiam mutuamente. A casa tem uma pesada atmosfera de rancor; parece algo como uma poeira, que vem se acumulando há longos anos. Ninguém por aqui sabe muito sobre eles.

— Ninguém mesmo?

— Bem, só um velho pastor de ovelhas que vive bem longe. Mas dizem que ele é louco.

Fora dele nenhuma das muitas pessoas que vivem e trabalham nesta região nada sabe.

— Há muita gente espalhada pelo império dos McDowell?

— Milhares de pessoas. Ocupam pontos aqui e ali, vales, pradarias, baixadas, léguas e léguas em torno.

— Têm festejos, rodeios anuais, algo assim que os junte a todos?

— Não, nada disso.

— Nunca se juntam?

— Não. Isto é, um dia houve uma reunião de todos, quero dizer, de todos os homens. Foi no dia em que as brigadas de operários da ferrovia chegaram bem nos limites das terras dos McDowell. Que dia!

— O que aconteceu?

— Para ser honesto, aconteceu um toque de sino repetido... Se você andar por aí vai ver de espaço a espaço uma pequena construção. Dois pilares com uma cobertura e uma trave entre ambos, segurando um sino, todas elas guardadas por um homem armado. Naquele dia um sino soou próximo da casa grande. Depois outro, outro e mais outros e de todos os vales, baixadas, colinas, pradarias, vales, surgiram homens. Sou um homem vivido, tomei parte em muitos combates, mas nunca em minha vida vi uma chamada para concentração mais rápida e perfeita. Um toque de sino, um toque convencional. Nada mais. O som ia até as proximidades do outro sino; ele era acionado e assim a chamada chegou ao mais remoto dos confins das terras de McDowell.

— Os homens vieram armados?

— Que pergunta. Já viu exército desarmado? Vieram armados até os dentes e dispostos a tudo.

CAPÍTULO TERCEIRO

Um plano desesperado

Max Sterling ficou silencioso um instante, como digerindo aquelas informações e por fim perguntou:

— Quem dirigia esse exército?

— Michael McDowell em pessoa.

— Esse homem começa a parecer uma personalidade muito interessante — comentou Sterling. — Que aspecto tem ele?

— Se me permite a comparação, direi que se parece muito com uma coruja. É gordo, pesado, nunca ri, nunca fala, e está sempre parecendo mergulhado em sombrios pensamentos. — Os dois tinham feito um amplo rodeio e estavam já no limites do império do chefão. Como você vê, o velho Michael tem tudo muito bem organizado...

— Ê, estou vendo... — disse Max Sterling pensativo e antes que entrassem na pousada ele reteve o padre O'Hara pelo braço indagando:

— Quantas vezes a propriedade de Michael McDowell já foi assaltada por Fosco Arenas?

— Nenhuma — O'Hara olhou surpreso para o Rural. — Engraçado, só agora me dou conta disso... Por que pergunta?

— Por nada, simples curiosidade. — respondeu Sterling.

De noite houve uma grande confusão na praça, com gritos, tiros, correrias de cavalos e de gente. Sterling e O'Hara estavam conversando na sala da frente e o Rural comentou quando se levantava para chegar à janela:

— Fosco Arenas novamente?

— Não creio — respondeu o pastor debruçando-se ao lado dele. — É mais uma briga da gente da povoação. Veja... — fez um gesto largo. — Ninguém se deu ao trabalho de chegar à janela para ver o que está acontecendo.

Mas o mexicano dono da casa se interessou. Saiu e voltou dez minutos depois informando:

— Mataram Blake, dono do saloon. Um grupo de operários da ferrovia, com os quais Stanton trabalhava, vieram pedir satisfações a ele. Juraram que Stanton nunca se metera com a vida de Fosco Arenas e, portanto, a acusação de Blake era falsa. Blake tentou agredi-los e os operários o fritaram. Alguns amigos do dono do saloon se meteram na briga e um operário também foi morto. Aí a coisa tomou o jeito de batalha campal... No fim, além de Blake, há mais três mortos. — O dono da pousada entrou e foi cuidar de seus afazeres.

— Não entendo — murmurou Sterling —, como é que se mata e morre assim sem mais nem menos?

Francis O'Hara balançou a cabeça desanimado, depois falou:

— As explicações são muitas, mas nenhuma é verdadeira. O clima, o sol abrasador, os verões que queimam o verde e enlouquecem homens e animais... mas não, é algo dentro de nós, vindo do nosso próprio ser, da nossa maneira de ser... Somos assassinos por natureza, Sterling.

— Pode ser...

— Pode não, é — Francis O'Hara foi para seu quarto sem se despedir do Rural. Max Sterling ainda se demorou ali um pouco mais, mas em seguida foi também se deitar. Mas não conseguiu dormir, sua cabeça estava cheia de perguntas para as quais não tinha resposta:

— Onde será o esconderijo de Fosco Arenas? Miller terá se infiltrado no bando ou estará morto? Por que a propriedade do McDowell nunca foi assaltada? Será que se procurar o pastor de ovelhas para conversar mais sobre McDowell isso não resultará em prejuízo para o pobre velho?

Só dormiu quando a madrugada já ia bem alta.

* * *

Quando se separou do companheiro, Alfred Miller resolveu fazer um amplo rodeio pelo sul, desviando-se o necessário das reservas indígenas que havia por ali. O rodeio lhe possibilitou ver as obras da ferrovia no ponto em que elas estavam paralisadas. Havia uma ponte com mais da metade metida dentro do rio, montanhas de dormentes e outras madeiras de construção parcialmente queimadas, latões de piche e alcatrão viradas e com o conteúdo derramado, carroças e carrinhos de rodas para o ar, uma desolação. Bem perto estavam as cercas de arame farpado que limitavam o

império McDowell. Para a frente, perdida na bruma da distância, ficava Las Cruces e a Serra Branca parecia ainda mais distante.

Durante todo aquele tempo ele estivera traçando um plano que era completamente louco, mas poderia dar bons resultados. Já tinha informações segura de que o xerife de Las Cruces era um homem decente. O plano consistia em combinar com ele um falso assalto. Depois fugiria da cidade e iria procurar abrigo nas montanhas. Com essa jogada talvez conseguisse descobrir o esconderijo de Fosco Arenas. Em Las Cruces havia um pequeno destacamento de Rurais, isso facilitava muito a tarefa.

Miller foi direto ao destacamento dos Rurais, quando chegou a Las Cruces. Era um casarão empoeirado fora do que poderia ser considerado limites urbanos, na beira do caminho que levava à fronteira com o México. Pediu para falar com o comandante em particular e o homem ouviu seu plano sem dizer uma palavra. Mas quando ele terminou, indagou em tom frio:

— Sofreu algum grave desgosto ultimamente, sargento?

— Desgosto? De modo algum, sou um homem muito feliz..., mas a que vem tal pergunta? — indagou Miller intrigado.

— Por que só alguém completamente desesperado e com vontade de se matar poderia ter semelhante idéia.

— Mas ela tem que ser executada, comandante, não há outro modo — insistiu Alfred Miller. — O senhor leu o documento que eu trago, posso deixar de pedir que me apoie e ordenar que faça isso.

— Certo, o documento diz que pode ordenar que lhe seja dada toda ajuda que precisar, mas se eu obedecesse a essa ordem nesta ocasião não o estaria ajudando e sim concorrendo para sua perdição. Invadir os domínios de Fosco Arenas sozinho é a mais louca aventura de que já ouvi falar. Tudo o mais que quiser é só pedir; terá imediatamente, mas de modo algum vou ajudá-lo a morrer. E a morrer inutilmente.

— Comandante, não sou criança nem uma missão como esta seria entregue a um homem incompetente. O documento que o senhor leu tem a assinatura do governador; o governo está decidido em fazer com que minha missão seja o meio de cortar pela raiz o mal que se implantou nesta região e contra o qual tudo até agora tem sido inútil.

— Palavra de honra, nunca vi ninguém mais teimoso que você...

— Não há porque se surpreender com isso, comandante, todos nós texanos somos assim...

— Nisso você tem razão, eu também sou teimoso, mas desta vez você vai me vencer — o comandante sorriu. — O que pretende conseguir com a parte do plano que me contou? Porque tem mais, não é? De um louco como você se pode esperar tudo...

— Tem, sim. Pretendo me transformar em mais um homem do bando de Fosco Arenas. E vou fazer isso com ou sem sua ajuda.

— Isso já nem é mais loucura, é a maior barbaridade que já vi — bradou o comandante levantando-se para passear nervosamente de um lado para outro do seu escritório. — Não há nada que o faça mudar de idéia, não?

— Não senhor.

— Bem — o comandante do Destacamento de Rurais se sentou outra vez. — Vou me dar por vencido, as ordens que traz são taxativas. Está certo, vou concorrer para o seu suicídio. Mas quero, que fique bem claro que fui forçado a isso. Certo?

— Certíssimo — sorriu Miller. — Fico-lhe muito agradecido... — rosnou o comandante. — Vá descansar um pouco, mudar de roupa, modificar um pouco o seu aspecto. Não creio que queira ir meter-se na boca do lobo usando uma farda de Rural do Texas...

— Já estou até com saudade dela — riu Miller. — Faz dez dias que não a visto...

— Já tem alojamento?

— Não, vim direto para cá.

— Vá se alojar no Parador Mexicano, a meia milha daqui. É uma pousada limpa e decente embora pobre. O dono é de toda confiança. Mesmo assim, quando eu for lá amanhã, não é conveniente que pergunte por você. Me espere perto do bebedouro de animais que tem lá. Não fale comigo, quando eu entrar, para uma visita de inspeção, siga mais meia milha para adiante e me espere. Hoje de noite falo com o xerife sobre o plano e amanhã já poderei dizer-lhe alguma. coisa.

— Aja o mais depressa que puder, comandante, Não há tempo a perder. Mais uma vez obrigado e até amanhã.

* * *

Las Cruces era uma cidade que estava crescendo bastante. A rua principal, larga e comprida; as que a cortavam eram bastante limpas. As construções alinhadas e de bom material, o comércio florescia e havia até algumas casas que vendiam artigos de luxo. Muitas delas tinham até três andares e pela rua havia um intenso movimento de carroças, caleches e cavalos montados por gente de bom aspecto, sem falar nas calçadas apinhadas de mulheres que faziam compras ou se visitavam.

Alfred Miller observou tudo aquilo com atenção. Sua aparência estava bem diferente; agora qualquer um que olhasse para ele não vacilaria em considerá-lo um pistoleiro profissional. Para calcar bem esse seu novo aspecto, tinha andado por tudo que era saloon, bar e casa de diversão, fazendo perguntas que poderiam parecer suspeitas, blasonando, fanfarronando. Como conhecia bem a psicologia de cidades pequenas, quando deixou o terceiro boteco, já as mulheres atravessavam a rua apressadamente, evitando cruzar com ele e os homens o olhavam com certo receio.

Por volta do meio dia voltou ao Parador Mexicano. O comandante do Destacamento dos Rurais já estava lá, falando com o proprietário. Miller bebeu um pouco d'água e saiu novamente. Dez minutos depois o comandante chegava.

— E então? — indagou ele ansioso.

— Tudo arranjado — o comandante enxugou o rosto banhado de suor. — Assunto de louco, este..., mas vamos ver no que dá. Falei com o xerife e com o juiz, eles concordaram. O assalto ao Banco vai ser amanhã ao meio-dia, ou seja, na hora de fechar para o almoço.

— Não podia ser quando abrisse?

— Não seja impaciente, homem, tudo já foi arranjado. Tenho até um morto fresquinho para dar mais cor à encenação...

— Um morto? Como diabo...

— Esta manhã um dos meus homens encontrou um cadáver boiando no rio. Pescou-o e assim que o vi tive uma idéia. Os Rurais vão intervir quando for dado o alarme de roubo no Banco. Um dos meus rapazes vai cair e ficar imóvel como se tivesse morrido. Os companheiros o recolhem e em seguida faremos o funeral com todas as honras.

— Comandante, o senhor é sensacional — riu Miller. — Mais alguma coisa?

Havia muita mais e o comandante explicou tudo detalhadamente. No fim de meia hora os dois se despediram.

No dia seguinte Alfred Miller entrou na rua principal de Las Cruces quando faltava pouco para o meio-dia e foi parar seu cavalo diante da barra do Banco Federal. Não atou o animal, prestou atenção à movimentação do Banco. Dois homens parecendo rancheiros saíram de lá e caminharam sem pressa pela calçada de tábuas. Um empregado chegou à porta, olhou para um lado e para outro e nesse momento o relógio do estabelecimento bateu meio-dia. No mesmo instante o empregado se viu diante de um cano ameaçador de revólver.

— Feche a porta como se nada estivesse acontecendo — ordenou e foi obedecido. Empurrando o homem à sua frente, se aproximou do guichê onde um caixa separava montes de notas.

— Quieto e não lhe acontece nada — disse Miller afastando o porteiro com um safanão. Passou os olhos pelos demais empregados, que o olhavam atônitos e ordenou: — Vocês todos de cara contra a parede e as mãos no alto. — Você... — o revólver apontou o caixa — ponha tudo isto aqui dentro — passou pela janelinha do guichê o saco que trouxera para o falso roubo.

O caixa, muito pálido, obedeceu prontamente. Enquanto ele passava o dinheiro para o saco, Miller grunhia:

— Não ousem nem piscar sem ordem minha ... qualquer um que fizer uma tolice, paga com a vida e os outros pagam também.

— Pronto, senhor... — disse o caixa num fio de voz.

— Deixe aí mesmo. Agora vá se colocar ao lado dos seus companheiros.

O homem obedeceu e Miller saiu andando de costas na direção da porta, com o revólver apontado para os homens rendidos. A folha de madeira estava só encostada e ele saiu sem problemas. Começou a encaminhar-se para seu cavalo quando uma voz masculina berrou do outro lado da rua:

— Ladrão, o Banco está sendo assaltado — e começou a atirar. Miller respondeu ao fogo sempre tentando se aproximar do cavalo. Na extremidade da rua, contrária ao lado por onde ele devia sair, um pelotão de

oito Rurais vinha se aproximando. Uma confusão louca se estabeleceu na rua; mulheres e crianças começaram a correr gritando. Os rurais uniram seu fogo ao do companheiro que fora escalado para visitar uma namorada cujo casa ficava bem diante do Banco. De repente um rural tombou e Miller saltou sobre seu cavalo. No momento em que montava o saco de dinheiro escapou de suas mãos, mas ele não tentou juntá-lo, esporeou o cavalo e desapareceu rua abaixo envolto numa espessa nuvem de poeira.

O comandante dos Rurais ordenou imediatamente que dois dos seus comandados levasse para o quartel o corpo do companheiro morto. Posteriormente seguiu com os outros homens até o prédio da cadeia onde o xerife o esperava depois de ter dado alguns tiros que passaram a boa distância do fugitivo. Em tomo a algazarra, todo mundo comentava a audácia do pistoleiro.

— O que acha, comandante? — indagou o xerife.

— Perfeito, pelo menos por enquanto. Vamos ver no que vai dar toda essa loucura...

— Eu não duvido nada que ele consiga mesmo acabar com o bando de Fosco Arenas. Esses rapazes da sua corporação são uma caixa de surpresas ... E o dinheiro?

— Bendix se apressou em recolhê-lo — riu o comandante. — Deve estar feliz, afinal não perdeu sua bolada.

— Eu lhe ofereço um trago, comandante. Enquanto não vi o rapaz a salvo, saindo da cidade, fiquei com o coração na mão e a garganta ressequida... O que me diz?

— Tem toda razão, xerife, a ocasião merece um trago...

CAPÍTULO QUARTO

Entrada para o covil das feras

Dois dias e duas noites Alfred Miller errou pelas montanhas como um coiote perdido. Tudo o que viu foi labirintos e mais labirintos rochosos, ouviu o silêncio profundo, sentiu a imponência das montanhas. Mas na terceira manhã, quando apagava a fogueira que o tinha aquecido durante a noite e servido para assar um pedaço de carne seca, divisou quatro cavaleiros que avançavam a trote largo pelo fundo do barranco perto do qual acampara.

Quando os homens chegaram na direção em que ele estava, pararam as montarias e olharam para o alto, falando entre si. Da fogueira ainda saía um fio de fumaça e por ele os homens se orientaram. Deram uma volta e dez minutos depois os quatro paravam os cavalos diante de Miller. O rural os observou disfarçadamente. Eram todos jovens, não tinham mau aspecto. Passariam perfeitamente por vaqueiros. Mas todos tinham os rifles nas mãos e o que parecia chefiar o grupo disse num tom áspero, sem saudações iniciais:

— O que está fazendo aqui?

Miller acabou de apagar a fogueira sem nenhuma pressa e finalmente encarou o homem retrucando:

— E desde quando isso é da sua conta?

— Pode ser que seja — o rifle do vaqueiro se movimentou com enorme rapidez, mantendo Miller debaixo de mira. — O melhor que faz é levantar as mãos e depois ficar bem quieto.

Miller olhou nos olhos do homem sorrindo com ironia e depois indagou:

— Se eu não obedecer ao bicho papão me come? — deixou os braços bem soltos ao longo do corpo e continuou: — como querem a brincadeira, os quatro de uma vez ou um a um? Para mim tanto faz...

— Raios, homem — tornou o vaqueiro —, parece que você está mesmo desesperado... Não vamos perder a calma, se quiser nos contar o

que lhe está acontecendo, podemos ouvir.

Miller fingiu vacilar, mas depois contou o frustrado assalto ao Banco de Las Cruces. Só não disse o seu nome. Os quatro vaqueiros tinham se sentado em tomo e trocavam olhares de entendimento sem que nenhum interrompesse o relato com qualquer espécie de pergunta.

— Bonita confusão você armou — comentou o chefe quando Miller se calou. — A gente nunca podia esperar que tivesse sido você... E o dinheiro, onde está?

— Já contei — respondeu Miller percebendo a armadilha da pergunta. — A maldita falta de sorte foi tanta que ele caiu da minha mão quando eu estava montando para escapar.

— Você o tinha em que, numa maleta? — indagou outro homem e de novo a pergunta era uma armadilha.

— Não, num saco. Pensei que fosse mais maleável, mas mesmo assim dei azar.

— Má sorte mesmo — tomou o chefe do grupo. — E ainda não acabou... todas as esquinas de Las Cruces tem um cartaz oferecendo dois mil dólares pela sua captura vivo ou morto... Você matou um rural, idiota... O prêmio oferecido é bem fácil de ser ganho...

— E o que faz aí parado que não tenta ganhá-lo? — bradou Miller em tom agressivo.

— Daria muito trabalho voltar à cidade... — riu o vaqueiro. — O que pretende fazer de sua vida?

— Ficar por aqui mesmo.

— Nas montanhas? — o vaqueiro tomou a trocar um olhar de entendimento com os companheiros.

— Claro, que melhor lugar eu poderia encontrar? É seguro, dá para se arranjar alguma comida com certa facilidade e se não mentiram, por aqui já existe uma quadrilha muito bem organizada. Fiz besteira tentando aquele assalto sozinho; não sou do tipo lobo solitário, e gosto de agir em grupo. Mas o desespero faz um homem ficar cego e doido...

— Quem disse que há uma quadrilha organizada por aqui? — tornou o vaqueiro.

— Quando fazia o reconhecimento de Las Cruces topei com um velho bêbado que me disse. Na hora do aperto, foi só no que pensei. Não tenho a menor intenção de balançar na ponta de uma corda. O velho disse que a

quadrilha era dirigida por um tal Fosco Arenas, homem como não há outro igual. É que ele não me conhecia, entende, melhor do que eu, não há ninguém no mundo. Só acredito que o camarada é melhor vendo como ele age, antes disso, não.

— Quer dizer que não acredita — riu o vaqueiro. — O que você daria para ver Fosco Arenas agindo?

— Nada, só tenho de meu a vida e se a desse, ia ficar sem o que oferecer para entrar no bando. Não seria bom negócio nem para mim nem para meu futuro chefe. Mas que gostaria de vê-lo, nem tem dúvida.

— Muito bem — o vaqueiro se levantou. — Você vai ver Fosco Arenas. Mas pobre de você se tiver dito uma vírgula em toda essa história que não seja verdadeira. Venha.

— Para onde?

— Sem perguntas — replicou o vaqueiro. — E mais, de olhos vendados e mãos amarradas. O que me diz?

— Bem, alguma coisa tenho que dar em trocai da boa vontade de vocês, não é mesmo? — riu o rural, escondendo a louca alegria que estava sentindo. A primeira parte do seu plano acabava de dar certo. — Vamos embora, o que estamos esperando?

* * *

Mais ou menos à mesma hora, Max Sterling e o pastor O'Hara estavam deixando a pousada onde se hospedavam para ir visitar a viúva Stanton. A casa dela era minúscula, mas muito limpa. Num pedaço de terra ao lado havia uma horta muito bem tratada. Aquela era a primeira visita que recebia e Virgínia Stanton deixou toda a sua emoção transbordar, louvando o marido, lamentando o modo brutal como ele fora assassinado. As marcas de sofrimento pelo que acontecera eram claramente visíveis no rosto dela, um rosto magro, de ossos salientes e pele queimada de sol.

— Não desespere, senhora Stanton — aconselhou o pastor. — Deus nunca abandona seus filhos mais fracos...

— Desta vez parece que abandonou, pastor — soluçou a mulher. — Desde aquela desgraça ninguém olha para nós. Não querem nem nos vender víveres. A única pessoa que me procurou foi o xerife, mas para dizer que

não queria complicações e o melhor que fazíamos era abandonar Las Cruces. Agora me diga, reverendo, para onde vamos?

A angústia da mulher era tanta que O'Hara se lembrou da tolice que Sterling dissera e a repetiu:

— Vamos falar com a senhora McDowell, Virgínia; às vezes ela ouve o que eu digo.

— A senhora McDowell? — repetiu Virgínia Stanton surpresa. Acha mesmo que ela vai querer fazer alguma coisa por nós? Dizem que é muito estranha...

— Todo mundo naquela casa é estranho, você sabe —tornou O'Hara. — Deve ser coisa de família e não é da nossa conta. Mas eu estou disposto a pedir à senhora McDowell que ajude você de algum modo, não custa nada tentar. Quando Anny for uma moça e se casar, você poderá descansar, vivendo com ela.

— Eu faço o que o senhor mandar, reverendo, minha situação é desesperadora.

Tudo ficou combinado e por volta do meio dia Virginia Stanton e sua pequena filha Anny embarcaram na caleça do pastor O'Hara, diante da pousada onde ele se hospedava. As duas se acomodaram no assento de trás enquanto na frente iam o pastor e Max Sterling, que decidira aproveitar a oportunidade para dar prosseguimento às suas investigações.

No fim da vasta pradaria verde, uma cadeia de colinas baixas assinalava o Vale do Sol, onde ficava a casa central dos domínios da família McDowell. Qualquer viajante que visse aquela paisagem jamais poderia esquecê-la. A razão daquele milagre de verde de todos os tons era o rio, que beneficiava largamente a terra. Bem no meio do vale, cercada por uma mata de um tom mais escuro, ficava a mansão dos McDowell.

— Não uma mansão, um castelo... murmurou Max Sterling quando pôde ver inteiramente a construção. O Sol, já descendo para o ocaso, iluminava torres, ameias, todas as pedras escuras da casa, dando-lhes uma tonalidade de coisa muito antiga.

— O que está achando? — indagou sorrindo O'Hara.

— Se me contassem, eu não poderia acreditar — respondeu o rural. — É incrível que exista uma coisa assim aqui, em pleno coração do Texas...

— Pois se prepare para surpreender-se ainda mais. Surpreende é pouco, ficar verdadeiramente assombrado...

Atravessaram um canal artificial por cima de uma bela ponte e atravessaram o bosque de abetos que protegia o castelo. Depois entraram numa clareira que ia dar numa esplanada. À direita dela e não muito longe da casa, havia uma das tais construções de que O'Hara falara dois pilares com uma pequena coberta e um travessão do qual pendia um sino de bronze. Ao lado, um homem imóvel, com um rifle na mão. Seguindo o olhar de Sterling, O'Hara comentou:

— Aqui a construção é mais alta. Este é o sino-mãe, o que dá as ordens que os demais vão repetindo... — O'Hara dirigiu a caleça para perto do vigilante, disse ao que ia e ele fez um gesto desinteressado mandando-o prosseguir. O pastor dirigiu o veículo para um ripado coberto de plantas trepadeiras e penetrou num jardim como Sterling jamais vira igual. Foram parar e descer mais adiante, voltando depois para uma larga porta de soleira de mármore, que foi imediatamente aberta; eles nem precisaram bater.

Uma velha criada negra metida num imaculado avental branco, saudou O'Hara com muito respeito e ele disse:

— Será que eu posso ver a senhora McDowell, Ana?

— Vou anunciá-lo, mas sei que a senhora sempre se alegra muito quando vem aqui, reverendo — Ana fez um gesto, mandando-os entrar e depois de fechar a porta, caminhou para o interior da mansão. Sterling olhou em torno. Um vitral enorme espalhava a luz do sol em mil cores pelo chão de um vestíbulo imenso, todo de mármore branco. Era a única nota alegre ali. O resto eram móveis pesados, escuros e sombrios, quadros grandes pintados em cores soturnas, imensas cortinas de veludo cor de vinho escuro, portas e corrimões da escadaria de madeira igualmente escura e lavrada, e duas armaduras completas, que fizeram o rural estremecer.

— É como se tudo fosse guardado por um par de fantasmas de metal... — Murmurou ele, mas calou-se depressa quando surgiu um homenzinho todo vestido de preto, que lhe disse numa voz sem entonação:

— O reverendo O'Hara diz que o senhor deseja falar com o senhor McDowell. Posso saber seu nome por favor para apresentá-lo?

— Max Sterling.

— Um momento por favor — o homem saiu como havia entrado, parecendo ter surgido do nada. Voltou dez minutos depois e indicando a escada convidou: — Pode subir, mas seja breve. O senhor McDowell não dispõe de muito tempo esta tarde.

Sterling subiu com ele e logo depois se viu dentro de uma sala que parecia saída do século dezesseis. A sala era ainda mais soturna do que o vestíbulo e não havia um espaço de suas paredes que não fosse tomado por armas de todas as idades e de todas as partes do mundo. No fundo dela, sentado numa cadeira de rodas junto de uma janela, estava um homem de uns sessenta anos, sólido, testa grande, queixo firme, pele corada e sadia. Mas não havia dúvida de que o senhor de todo aquele império realmente lembrava muito uma velha coruja. O empregado fez as apresentações e sumiu. Michael McDowell convidou:

— Sente-se, senhor... como é mesmo o seu nome?

— Sterling, Max Sterling.

— Pois muito bem, senhor Sterling. Vamos, que coisas tão importantes trouxe o senhor até aqui? Fale claro e diretamente, não gosto de rodeios. Trata-se de coisa realmente importante para o senhor e para mim também.

— Porque nos dias que correm é raríssimo encontrar um homem com o seu grau de desprendimento. Juro ao senhor que é a primeira vez que vejo um homem menosprezar uma verdadeira fortuna em ouro...

— Outra besteira, senhor Sterling — replicou McDowell. — Não sou nem herói, nem santo nem tolo como o senhor quer dar a entender.

— E eu disse que era?

— Deixou claramente subentendido. Mas não me considero ofendido. O que o senhor vem me oferecer aqui com seu fabuloso negócio não é nem a fortuna nem a glória, é a perda das minhas terras, dos meus direitos sobre o império que construí ao longo de muitos anos e muitas lutas, a perda do meu poder. Sabe o que aconteceria se fosse espalhado por aí que essas terras têm ouro? Uma avalanche de loucos invadiria tudo, como aconteceu na Califórnia, em Montana e agora nas Montanhas Negras.

— Com uma diferença, senhor, aquelas eram terras virgens, abertas, no máximo ocupada por alguns índios. Aqui não; é uma propriedade particular, legitimamente sua. E tudo quando houver dentro destas terras, ninguém poderá arrebatar-lhe coisa alguma.

McDowell estava muito sério, boca apertada, olhando nos olhos do rural com expressão sombria. Mas havia alguma inquietação no fundo daquele olhar quando ele disse:

— Adeus senhor Sterling, não tenho mais tempo a perder com o senhor.

— Eu também tenho pressa e lamento muito não termos chegado a um acordo. De todo modo foi um prazer conhecê-lo. — Sterling se voltou e caminhou para a porta. Mas de repente seu sexto sentido entrou a funcionar a todo vapor. Se voltou com a rapidez de um raio e disse:

— Solte essa arma, senhor McDowell. Pode ter absoluta certeza de que não teria tempo para usá-la.

Michael McDowell retirou a mão lentamente de dentro da gaveta da mesa que estava ao seu lado. Mais do que nunca ele parecia uma coruja, olhando sombriamente seu interlocutor. Depois sua fisionomia mudou por completo, como se se abrisse e ele riu ampla e silenciosamente, como se não soubesse dar uma gargalhada e comentou:

— Bem desconfiado, hem?...

— Não, apenas precavido — respondeu o rural.

— Foi uma brincadeira — tornou o velho. — Só queria avaliar que tipo de homem era você. Venha, sente-se de novo e vamos falar mais no assunto que tanto o interessa. Não tem tanta pressa, assim, não é?

— Não, agora já não tenho nenhuma pressa — respondeu Sterling voltando para ocupar a mesma cadeira em que se sentara antes. — Mas se vamos falar em tom civilizado, por favor não volte a fazer brincadeiras desse tipo.

— Claro, claro, mas ela sempre valeu para alguma coisa, agora eu o conheço melhor. Você é muito rápido, senhor Sterling. Sagaz e inteligente também. Gosto de tratar com homens assim. Vamos discutir o negócio do ouro com toda a calma, bem detalhadamente, gosto de saber onde ponho os pés. Deve ser por isso, que jamais dei um passo em falso.

— Como o senhor quiser, agora que estamos nos entendendo, não tenho mais nenhuma pressa.

— Nesse caso seria melhor ficar aqui por uma temporada, para tratarmos do negócio com toda a tranquilidade. Gostaria que aceitasse o convite, posso oferecer-lhe um alojamento bastante confortável. É o melhor meio de podermos andar pelas terras, examinarmos tudo e fica mais fácil para o senhor manter no mais absoluto segredo a sua descoberta.

— Para manter o segredo, senhor, não é necessário que fique aqui. Eu também não tenho nenhum interesse que a notícia se espalhe indiscriminadamente. Por outro lado, vim até aqui com uma mulher e o reverendo O’Hara. A mulher ficou viúva recentemente e tem uma filhinha.

Estão passando muitas privações. Vou aproveitar esta oportunidade para pedir-lhe que faça alguma coisa por ela... será pedir demais?

— Não, de modo algum, onde está a mulher?

— O reverendo preferiu falar primeiro com sua esposa...

— Então tudo está acertado, minha mulher é muito caridosa. Mas o que tem a mulher e o pastor com o meu convite? Fique, se O'Hara não trouxe sua carriola eu o mando levar de volta a Peñasblancas.

— O senhor é muito generoso... — sorriu Sterling. — Está bem, vou aceitar, serei seu hóspede por uma temporada...

CAPÍTULO QUINTO

Estranhos ruídos noturnos

A primeira coisa que Miller viu quando lhe tiraram a venda dos olhos foi um nutrido grupo de homens que o observava. lá ali a situação mudava de figura, as caras em torno eram malévolas, as bocas sorriam torcidamente, os olhos eram cheios de má vontade, o aspecto era desleixado e até mesmo sujo.

— Quem é ele? — indagou um dos homens.

— Nós o caçamos quando estava acampado na beira do desfiladeiro — respondeu um dos que tinha aparência de simples vaqueiro.

— Espião? — indagou outro membro do bando.

— Não sei — respondeu o que parecia ser chefe dos quatro que efetuaram a captura. — Ele diz que é pistoleiro. Contou uma história muito comprida. Diz que foi o autor do assalto que aconteceu em Las Cruces...

— Não aconteceu, maldita sorte — resmungou Miller. — Meus bolsos continuam limpos como os de um recém-nascido.

O vaqueiro sorriu, encolheu os ombros e indagou para os companheiros:

— Vamos ver o que o chefe diz. Onde está ele?

— No lugar de costume — respondeu alguém e o vaqueiro empurrou Miller dizendo:

— Andando de novo...

O caminho que seguiram era uma ladeira empinada e estreita, parecendo mais um caminho de cabras. A vegetação em tomo era espessa. Por todos os lados erguiam-se os altos picos das montanhas e o rural se indagou para onde estaria sendo levado. Logo descobriu. A meio caminho tomaram um atalho em descida e chegaram a uma fenda na rocha, muito bem dissimulada pela vegetação. Dez minutos depois estavam em outra trilha e o rural quase se sentiu asfixiado. Por todos os lados só via paredões de pedra e um enorme bando de abutres que voejavam em círculos, sempre sobre o mesmo ponto.

Alguns passos adiante Miller parou, compreendendo a razão dos voos cerrados dos abutres. Parou e o vaqueiro indagou irônico:

— Já está cansado?

— Não, parei só para olhar aquilo — Miller apontou para os dois cadáveres que balançavam num galho de árvore, negros pela putrefação.

— E o que acha? — riu o homem.

— Não é um espetáculo dos mais agradáveis, mas já vi coisas piores... — Miller voltou a caminhar. Atravessaram uma esplanada de pedra e chegaram à entrada de uma caverna, que em seguida o rural comprovou ser enorme, cheia de salões, passadiços e corredores. Lá estava Fosco Arenas junto com outro punhado de homens, todos ocupados em limpar e municiar um verdadeiro arsenal, consertar selas e coser arreios.

Mas todos pararam imediatamente o que faziam e se agruparam em torno do chefe. Não tinham muita distração costumeiramente e a chegada de estranhos era sinal certo de um espetáculo. Frio, distante, um par de olhos azuis sobressaindo na pele cor de cobre mais clara que a de um índio, Fosco Arenas ouviu uma parte do que seus homens tinham a dizer e os interrompeu com um simples gesto, dirigindo-se a Miller:

— Fale...

Calmo, tranquilo, escolhendo com cuidado as frases em que podia fanfarronar, o rural repetiu tudo o que já dissera antes. Usava palavras e frases de construção vulgar, exatamente como falaria um pistoleiro. Fosco Arenas ouviu tudo de testa franzida e quando o relato terminou disse:

— Joe, vá com Sordo a Las Cruces e descubra tudo o que se passou lá. Não quero simples comprovação da história desse homem, quero todos os fatos com detalhes, entendeu? — Se voltou para Miller e concluiu: — Se disse a verdade não me importo de deixá-lo ficar sob o meu comando, mas se mentiu, veja ali o que o espera ... — apontou para os cadáveres.

— Já vi... quem eram eles?

— Idiotas abandonados pelas famílias, ninguém quis pagar o resgate deles — respondeu Arenas como se dissesse que chovia ou fazia sol. — Mas eu me enganei, para os traidores temos tratamento ainda melhor... — Fosco Arenas fez um gesto e todo mundo se dispersou, soltando ao que fazia antes. Miller também se afastou e de quando em quando fazia algum comentário sobre a excelência do esconderijo. Ninguém respondeu, mas por

onde quer que ele fosse, havia sempre um par de olhos vigiando cada um dos seus movimentos.

Já escurecera quando Joe e Sordo voltaram da cidade. Confirmaram cada detalhe da história contada por Miller e traziam até um dos cartazes em que eram oferecidos dois mil dólares pela captura dele vivo ou morto.

— Muito bem, — disse Fosco Arenas atirando para um lado o cartaz. — Você ganhou, é mais um homem do meu bando. Como quer ser chamado?

— De qualquer modo está bem, pode ser mesmo Miller — respondeu o rural. — O importante é que agora tenho um abrigo seguro e aqueles calhordas vão me pagar o novo e o velho...

* * *

Nas terras de Michael McDowel, apesar do alojamento mais que confortável e do bom tratamento em geral que recebia, Max Sterling sentia que todos os seus movimentos eram vigiados. Durante os primeiros dias que passou no castelo, pôde observar à vontade os hábitos da família. Eram estranhos, não apenas por serem totalmente fora de moda, mas sobretudo fora da realidade brutal e selvagem que a cercava, terras virgens, sangue, morte, pilhagem e desassossego.

Só ao anoitecer a família se reunia para a ceia. A mesa ficava sobre um estrado e era imensa. Na cabeceira, numa cadeira entalhada e adornada de grandes pregos dourados, se sentava Michael McDowell. Na outra extremidade, sua mulher, Elizabeth. Na lateral da direita se sentavam Arthur e Richard, filhos do segundo casamento do velho e na da esquerda, Margareth, filha dele com a atual mulher, Elizabeth. Foi ao lado de Margareth que Sterling ficou sentado.

A comida era servida com cerimonial. Um copeiro negro trazia o prato e ele era passado ao homenzinho vestido de negro, que Sterling julgava ser o mordomo do castelo. Ele servia McDowell e entregava o prato novamente ao copeiro, que servia os demais. Ninguém falava durante a refeição, apenas trocavam um ou outro murmúrio, que noite após noite parecia versar sobre o mesmo tema. Finda a ceia, todos se levantavam e passavam ao salão. Lá, enquanto o velho patriarca fumava seu cachimbo junto de uma janela, os homens mais jovens jogavam uma partida de gamão, Margareth.

tocava órgão e Elizabeth bordava uma grande tapeçaria embutida num bastidor de pé.

No terceiro dia, completamente deslocado naquele ambiente medieval, Sterling se aproximou do órgão indagando para Margareth:

— Porque não toca algo mais alegre? Uma polca, uma valsa... ou mesmo um can-can?

— Mas senhor Sterling... — respondeu ela claramente surpreendida, lançando um olhar alarmado e rápido para o resto da família.

Aquilo era a única coisa que Margareth parecia saber articular. Ele tinha feito mil tentativas de entabular conversação com ela durante as refeições, mas tudo o que ele dizia só conseguia arrancar dela aquela exclamação a um tempo surpresa e repreensiva:

— Mas senhor Sterling...

Terminada a partida de gamão, o fumo do cachimbo, a tocata e os pontos da tapeçaria, todo mundo sumia, para só reaparecer na ceia da noite seguinte. Exceto o velho McDowell, ele saía com Sterling todas as manhãs, percorrendo milhas e mais milhas de terras e o rural pôde comprovar a informação do reverendo O'Hara, situando em três milhas a localização de cada pequeno pavilhão contendo um sino de bronze guardado por um homem armado. E mais, cada um desses sinos ficava na entrada de pequenas povoações, onde uma trintena de famílias trabalhava ativamente.

Logo na manhã seguinte à sua visita inicial a McDowell o rural tentara voltar ao assunto do ouro, mas o velho mudara de assunto. Fez nova tentativa na outra manhã e McDowell respondeu:

— Temos tempo de sobra, vamos deixar isso para manhã.

Sterling decidiu esperar que ele mesmo voltasse ao assunto e em certa ocasião levou a conversa para a estrada de ferro:

— O que acha da ferrovia que estão querendo estender por aqui, senhor McDowell?

— Não me fale nessa maldita coisa — berrou o velho com a potência de um trovão. — Estas terras são minhas, minhas e de mais ninguém. Eu as encontrei, povoei, transformei num celeiro de fartura e bem-estar e enquanto viva um só indivíduo que tenha o meu sangue, ela será da família McDowell. Jamais, jamais, entendeu bem? essa maldita coisa suja chamada ferrovia vai me tirar uma polegada das minhas terras.

— Sim, eu compreendo seu ponto de vista — disse Sterling. — Mas o governo, o Estado, acham que com a ferrovia o progresso será mais rápido e...

— O Estado aqui sou eu — cortou McDowell colericamente. — O governo sou eu! A lei sou eu, a justiça sou eu. E ninguém no mundo poderá mudar isso. Aqui sou profeta, juiz, deus!

Max Sterling não insistiu. Acabava de compreender que o velho era louco com uma só mania, o apego desmedido ao seu império. Ele não exagerava quando dizia que ali era governo, juiz, profeta e deus.

Naquela noite Sterling não ficou para o aborrecido serão da família, pedindo licença para se retirar antes.

— Tenha bom sono, senhor Sterling — respondeu McDowell com um sorriso que gelou o rural. — Amanhã vamos começar a pensar nas jazidas de ouro...

— Quando o senhor quiser — respondeu ele despedindo-se cortesmente dos demais. Meteu-se em seu quarto e apagou a luz, mas não pôde dormir. A advertência do velho pastor de ovelhas não o deixava em paz, o velho McDowell sorrira naquela noite e isso significava perigo. O silêncio profundo que habitualmente envolvia o castelo e as terras próximas foi quebrado subitamente por algo que Sterling no primeiro momento, não atinou com o que fosse. Depois percebeu, era uma atividade surda dentro do castelo. Levantou-se no escuro e chegou à janela, sem, todavia, se debruçar. A atividade lá fora era ainda maior, até onde sua vista alcançava, luzes se acendiam e apagavam num ritmo tão constante que só podia ser deliberado.

Movimentos e sussurros no corredor, bem diante da porta do seu quarto o alarmou. Sem ruído passou o cinturão-cartucheira em torno dos quadris e abriu a porta. Dois homens pareceram muito surpresos com sua aparição, mas logo se refizeram e um deles disse:

— O que há, senhor Sterling, não pode dormir?

— Já estava dormindo, foram uns ruídos estranhos que me acordaram — ele mentiu. — O que vocês fazem aqui?

— Subimos justo para ver que ruídos eram esses...

— Está acontecendo alguma coisa?

— Não, nada, tudo está tranquilo.

— Bem, já que perdi o sono, vou dar uma volta por aí ...

— Desculpe, senhor Sterling, mas não pode sair.

— Não posso? Porquê?

— Ordens do patrão, durante a noite ninguém deixa o castelo. Vá dormir, senhor Sterling, aceite o meu conselho, é o melhor que faz.

— Vejo que cuida muito bem de mim... — riu o rural. — Está bem, vou aceitar o conselho. Se houver algum perigo não esqueça de me avisar.

— Perigo? Que perigo pode haver aqui?

— Sei lá...a propriedade é grande, bonita e rica, alguém poderia tentar assaltá-la. Como esse Fosco Arenas, por exemplo...

— Fosco Arenas? — o homem olhou para o companheiro. — Do que diabo está falando, senhor Sterling?

— Desculpe, pensei que o conheciam aqui... — Sterling recuou, decidindo ir bem mais longe em sua provocação. E concluiu: — Não lembrei que ele é um covarde que só se mete com gente indefesa... Boa-noite.

Sem fazer o menor ruído, voltou à janela. O movimento havia duplicado. Oito ou dez mulas estavam sendo carregadas e em seguida um grupo de cavaleiros dirigiu os animais na direção dos pastos que se estendiam por trás do castelo. Pouco a pouco a agitação foi diminuindo até que o silêncio se assenhoreou de novo de tudo. Sterling voltou para a cama, mas continuou sem poder dormir. Quando finalmente começou a cochilar, um sino repicou alegremente saudando o amanhecer. Outro respondeu e outro e outro mais e de repente todo o vale era um repique só, despertando a comunidade para um novo dia.

Foi então que bateram na porta do seu quarto. Eram pancadinhas leves, sigilosas, e ele vacilou antes de ir abrir. Mas depois puxou a folha de madeira de um só golpe, disposto a enfrentar fosse o que fosse. Só não estava preparado para o que foi. Virgínia Santon passou por ele como um relâmpago, fechando a porta e em seguida se atirou sobre ele soluçando sem fazer nenhum ruído.

— O que foi, senhora Stanton? — indagou ele desconcertado.

— Tenho medo, senhor... muito medo — murmurou ela, e ele sentiu que todo o corpo dela tremia de pavor.

Ela não dizia mais do que aquilo, e a muito custo Sterling conseguiu acalmá-la e mandá-la para seus afazeres. Quando deixou o quarto, tudo parecia absolutamente normal na propriedade, exceto que o velho não apareceu para o habitual passeio em sua companhia. O pretexto era que o

senhor McDowell estava com um forte acesso de gota e não podia sair dos seus aposentos. Todos os criados diziam a mesma coisa. Sterling respirou aliviado, ia aproveitar o dia livre para fazer umas tantas coisas que no seu entender já deviam ter sido feitas.

Conseguiu sair sem que ninguém o observasse e foi direto a Peñasblancas visitar o reverendo O'Hara. O pastor ficou muito contente quando o viu, perguntando ansiosamente como Virginia e Anny Stanton estavam se adaptando à nova vida e sobre os negócios de Sterling.

— O meu negócio, reverendo, é este... — riu o rapaz, explicando quem realmente era e o que fazia ali.

— Polícia — arqueou o pastor, lívido. — E sozinho no meio de uma arena cheia de feras. O que está fazendo é a loucura mais completa que já vi, senhor Sterling. Mas ainda pode se salvar, saia daqui agora mesmo, fuja sem olhar para trás!

— Que é isso, reverendo, pensa que sou algum coelho? — zombou o rural. Depois deu a O'Hara algumas instruções para o caso de acontecer-lhe alguma coisa, pediu que ele jamais revelasse o segredo a quem quer que fosse e se despediu. Na rua, tomou o mesmo caminho que fizera ao chegar e sempre seguindo o rio, foi se aproximando do ponto onde encontrara o velho pastor de ovelhas. Muito antes de vê-lo, ouviu o som de sua ocarina e ficou contente. O velho estava lá, não ia ser necessário procurá-lo.

CAPÍTULO SEXTO

Na armadilha da exaustão

Indiferente às ameaças recebidas, o velho pastor estava deitado no mesmo lugar, com a cabeça apoiada na mesma raiz em que Max Sterling o vira pela primeira vez.

— Bom-dia, avô — ele saudou desmontando e indo sentar-se na raiz que ocupara quando de sua chegada.

— Ora, é o jovem perguntador... — riu o velho parando de tocar. — Como se foi lá pela casa de McDowell, se arranjou bem com ele?

— Não, avô, infelizmente não deu certo.

— Porquê?

— O homem me pareceu meio louco...

— Louco, hem? — o velho riu com ironia.

— Tem razão, a palavra certa não é louco..., é endemoninhado...

— Agora sim — o velho riu mais amplamente. — Você soube compreender McDowell muito bem. E se já o entendeu, o que pretende fazer em seguida?

— Cruzar a planície de volta, retornar a Dallas. Mas para você ver que me considero seu amigo, trouxe esta garrafa de uísque como presente de despedida. É do melhor, avô, importado ... Eu já a trouxe aberta para podermos brindar meu retorno — Sterling viu os olhos do velho pastor brilhar e passou a ele a garrafa que tivera o cuidado de comprar antes de ir ver o reverendo O'Hara. O pastor de ovelhas bebeu um trago descomunal e a devolveu. Sterling tomou um gole pequeno e passou novamente a garrafa para o velho dizendo:

— Não é que tenha importância, mas vou embora daqui muito intrigado com certas coisas que vi. Uma delas é aquela pose de senhores feudais que têm os McDowell; outra, as correrias noturnas que há em torno do castelo. Como diabo se pode explicar isso?

— Não é fácil, nada fácil — o pastor quis devolver a garrafa, mas Sterling fez um gesto, recusando. O velho bebeu outra vez. — São coisas

que vem de muito longe.

— Se você as conhece, pode muito bem me explicar.

— Não, não, é muito perigoso... — o velho deixou de mamar na garrafa e olhou em torno, ansioso. Depois pousou o olhar nos olhos do rural e acrescentou: — Mas simpatizei muito com você e estamos sozinhos, creio que posso falar... — O pastor bebeu um grande trago, secou os lábios com as costas da mão e prosseguiu: — Faz quarenta anos que uma caravana que ia para a Califórnia parou aqui. Nela estavam entre outras pessoas, Michael McDowell e Thomas Burden, isto é, eu. Uma tarde acampamos nisso que hoje é chamado Vale do Sol. Já não disse isso a você?

— Sim, disse que a terra era excelente e que McDowell terminou dono de tudo sozinho. O que aconteceu?

— Naquele tempo imperava aqui a lei dos mais forte, e...

— Não mudou nada — riu Sterling — continua do mesmo jeito...

— Você não sabe o que está dizendo, amigo... — o velho pastor entornou outro longo trago. — Era dez, cem vezes pior. Era como um enxame de moscas venenosas que se matassem entre si disputando um único pedaço de bosta. Os homens morriam e morriam, alguns decidiram fugir e no fim de tudo Michael McDowell ficou sozinho, dono de tudo. Era o mais forte e assim venceu. Mas a guerra ainda não havia acabado. Aquilo tudo só teve relação com o Vale do Sol. McDowell queria mais, sempre mais e foi ampliando seus domínios, não importava como, até se tornar senhor de toda a comarca. O condado, como ele gostava de chamar, terras que um homem a cavalo não percorria toda em três dias, o maior e mais rico do que já perdera.

— Perdera? — estranhou o rural. — McDowell teve antes um condado?

— Pelo menos sua família teve, na Irlanda. Condado, castelo, vassalos, servos, privilégios reais, tudo.

— Que coisa mais louca... Como foi que ele veio parar aqui?

Novamente o velho Tom bebeu um trago de uísque e explicou:

— Ele perdeu tudo. A ambição e avareza fez que perdesse. Apesar de algumas poucas modificações, o feudo irlandês dos McDowell continuava florescente quando Michael e seu irmão Sean ficaram homens. O grande problema era que a lei considerava herdeiro de tudo o mais velho Sean e Michael não se conformava. Então, decidiu matar Sean numa caçada,

manobrando para que o assassinato parecesse acidente. Casualmente, a noiva de Sean e dois outros convidados da caçada testemunharam tudo, denunciando Michael e ele teve que fugir apressadamente, como reles moço de convés, numa fragata que saía para o Novo Mundo.

— Depois aconteceu a viagem para a Califórnia, o Vale do Sol e tudo o mais... — comentou Sterling.

— Exatamente. Para tentar reproduzir aqui o que perdera na Irlanda, Michael McDowell não vacilou em cometer centenas de outros crimes que na realidade foram como continuação do primeiro. Matando gente, incendiando pequenas casas de colonos, expulsando outros, ele se foi apoderando de tudo e com o castelo que mandou erguer, instalou na região um império de terror. Então achou que era hora de se casar e não fez por menos. Foi buscar uma princesa índia lindíssima da qual teve um filho. Ninguém sabe o fim que ela teve. Um belo dia não se falou mais nela e tudo ficou por aí mesmo. Um ano mais tarde ele estava se casando com unia moça feia e gorducha, mas que era filha de um dos maiores banqueiros de São Francisco. Com essa ele teve dois filhos. Ela também desapareceu sem deixar rastro, não se falou mais nela.

— E ele casou a terceira vez...

— Exato. Mandou buscar uma mulher na Irlanda. Dizem que ainda é sua parenta, dele, tem o mesmo sangue. Não duvido, porque desta vez veio uma filha e é meio anormal. Você não a viu?

— Vi, sim. Margareth não me parece exatamente anormal e sim tolhida, esmagada, alguém que não tem de seu, nem o ar que respira. Mas agora que me contou tudo isso, entendo cada vez menos como um homem poderoso como Michael McDowell permite que um bandido como Fosco Arenas de certo modo reine sobre seus domínios, em outro sentido, é verdade, mas sempre dominando.

— Mas é assim...

— Quem é Fosco Arenas? Onde se esconde?

— Não o viu por lá?

— Por lá? Eu estive no castelo de McDowell.

— Exatamente. Não o viu?

— Mas como diabo eu iria vê-lo se não o conheço, e que faria Arenas no castelo do chefão?

— Exercia o seu direito de filho mais velho, ora essa... os olhos do velho Tom estavam mortiços e maliciosos, mas ele não estava realmente bêbado.

— O quê? — Max Sterling saltou de cima da raiz onde estivera sentado. — Você ficou doido ou o que?

— Estou perfeitamente são — riu o velho. — Fosco Arenas é o filho mais velho de Michael McDowell e a princesa índia. Na realidade ele não mora no castelo, só vai lá de quando em quando e de noite. Quando precisa informações sobre diligências carregadas de ouro e dinheiro para serem saqueadas, bancos com grandes somas em caixa para serem assaltados, sobretudo, a movimentação de homens, dinheiro e material destinados à ferrovia. E naturalmente, é lá que ele se abastece de víveres, que transporta para seu esconderijo nas montanhas.

— Então era isso... — Sterling se sentou novamente, pensativo. — Vi também uma perfeita sinalização feita de noite...

— Pena que não tenha visto uma chamada geral feita pelos sinos — replicou o velho Tom. — Certa vez... — uma detonação seca cortou a frase do pastor de ovelhas, que curvou o corpo para adiante, soltando um gemido que era ao mesmo tempo de dor e de raiva. Com a rapidez de um relâmpago Max Sterling saltou para trás do tronco de árvore debaixo da qual estavam, e se guiando pela fumacinha do revólver do oponente, disparou certeiramente, produzindo um berro de dor. Novos disparos vieram de um matagal próximo enquanto Sterling dizia apressado:

— Se arraste para cá, avô... onde foi o ferimento?

— No ombro... Não se incomode comigo, acabe com todos aqueles chacais. — Tom continuou no chão, agora estendido a fio comprido e imóvel.

— Quantos serão?

— Três... não se lembra dos sujeitos que apareceram aqui no dia em que você chegou? Pois são eles outra vez. Só não se atreveram a enfrentar você, preferiam liquidá-lo à traição.

— Mas não vou dar minha vida de graça, se eu for para o diabo levo pelo menos dois comigo... Sabe atirar, avô?

— Claro que sei, mas para que?

— Você tombou muito bem, a raiz da árvore lhe serve de bom anteparo. Pegue seu revólver e comece a disparar, mas não levante a cabeça,

entendeu? Apenas dispare.

— Fogo de distração, hem? — rosnou o velho.

— Isso mesmo. Enquanto você atira, vou fazer um rodeio para ver se os surpreendo — Sterling não esperou resposta, começou a se arrastar, logo alcançou a proteção do mato e poucos minutos depois estava nas costas dos emboscados.

— Olá... — disse, porque lhe repugnava atirar em um homem pelas costas, mesmo tratando-se de bandidos da pior espécie, como eram aqueles.

O que atingira primeiro estava nas últimas e bastou duas balas bem colocadas para livrá-lo dos outros dois. Voltou correndo para onde tinha ficado o velho, indagando:

— Como vai o ferimento, avô? Deixe-me ver isso...

— Não, não — o velho se sentou na erva fugindo com o torso. — Vá embora daqui enquanto há tempo. Eu me arranjo sozinho, não é a primeira vez que sou ferido. Diabo, homem, vá embora!

— Só depois que tiver visto o ferimento — teimou Sterling. — Vamos sair daqui juntos.

— Você enlouqueceu mesmo, não vou sair daqui para lugar nenhum. Vamos, homem, se apresse, não perca esta oportunidade.

Sterling deu um pequeno empurrão no velho pastor, jogando-o sobre a relva. Logo suas mãos estavam abrindo a camisa dele e comprovando que o ferimento não era dos mais graves, a bala atravessara os ligamentos do ombro, saindo do outro lado. Mas sangrava bastante e ele rasgou um pedaço da camisa de Tom fazendo um tamponamento provisório.

— Agora vá embora, é incrível, mas ainda tem tempo de se livrar do pior — disse o pastor.

— Vamos nós dois.

— Não insista, não vou sair daqui. Não entende? Aqui está o meu passado, o meu presente e o meu futuro, sejam eles como forem. Quero morrer aqui quando chegar a minha hora. Vá embora, por favor, vá...

Max compreendeu o velho. Soube que seria inútil insistir e não seria decente pegar o velho de qualquer maneira e colocá-lo à sua frente, sobre a sela. Por outro lado, estava doido para voar até Las Cruces e informar Alfred Miller das sensacionais descobertas que fizera.

— Está bem, avô, eu vou, mas volto muito mais depressa do que você pode imaginar... — Saltou para o cavalo e começou a galopar enquanto o

velho gritava:

— Você está louco mesmo? Não é por aí que se vai para Dallas.

— Cuide de você, avô, eu volto logo, logo — gritou o rural de volta. No último momento tinha decidido passar primeiro por Peñasblancas e de repente o caminho lhe pareceu interminável. O povoado estava deserto debaixo do sol inclemente do meio-dia. Não viu ninguém na pousada nem o reverendo O'Hara estava em seu quarto. Saiu e viu um menino esfarrapado brincando com um cachorro esquelético. O menino informou que O'Hara saíra pouco antes na direção do cemitério.

O'Hara estava realmente lá, cavando um buraco na cabeceira da sepultura de Stanton para fincar nele uma singela cruz. Ao ver Sterling entrar montado como um doido cemitério adentro, veio correndo ao encontro do rural indagando ansioso:

— O que houve? Aconteceu alguma desgraça? Está ferido?

— Preciso do senhor, reverendo, preciso muitíssimo.

— Fale, farei o que estiver ao meu alcance.

— Tenho que ir a Las Cruces e...

— Mas isso fica longe demais!

— Não importa, de minha chegada lá depende o futuro destas terras, e o de centenas de pessoas. Mas não tenho certeza de poder chegar e é aí que preciso muito do senhor.

— Estou desnorteado — confessou o pastor. — O que quer que eu faça?

Ali, diante de centenas de sepulturas de gente que só em proporção muito pequena não morrera às mãos de Michael McDowell, o rural Max Sterling contou em rápidas palavras tudo o que havia descoberto através do velho Tom e o ataque traiçoeiro que acabava de sofrer, concluindo:

— É indispensável que o senhor vá ao Destacamento de Rurais que há em Las Cruces e o informe do que vou escrever agora.

— Aceito a missão, senhor Sterling — respondeu O'Hara, que estivera todo o tempo rezando silenciosamente enquanto ouvia o que o rural havia descoberto. — Pode escrever.

Max Sterling tirou do bolso vários pedaços de papel que usara para seu disfarce de entendido em minas de viagem para a Califórnia e escreveu um relato sucinto, mas claro de suas descobertas. Entregou-o depois a O'Hara dizendo:

— Não vou dizer que não seja uma missão perigosa, reverendo, mas um de nós tem que chegar a Las Cruces e fazer o comandante saber a verdade.

— Não se preocupe, não tenho medo. Vou sair em minha caleça como se fosse visitar as missões espalhadas pela região. Creio que ninguém vai desconfiar disso, é uma atividade que tenho sempre. Que caminho vai tomar para tentar chegar a Las Cruces?

— Nenhum que seja comumente percorrido, o melhor é ir sempre por atalhos. Faz a viagem mais lenta e difícil, eu sei, mas muito mais segura.

— Então eu posso ir como de costume pelo caminho de serra Branca.

— Minha esperança está toda no senhor, reverendo, não creio poder chegar ao destino.

— Confie em Deus, meu filho, só ele é senhor de tudo. Vou rezar pelo sucesso de sua missão.

— Obrigado, reverendo. Agora devo ir, não é bom que ninguém nos veja juntos.

O pastor O'Hara dobrou as folhas de papel que Sterling escrevera e guardou-as junto a uma grande cruz de metal que usava por dentro da camisa. Sem uma palavra estendeu a mão para Sterling, que em seguida continuou até o fundo do cemitério, saindo por ali para campo aberto. O'Hara terminou seu serviço de colocar a cruz na sepultura de Stanton e em seguida voltou para seu quarto na pousada. Peñasblancas continuava mergulhada na sesta quando ele saiu em sua caleça como se fosse visitar as pequenas missões espalhadas pela região.

Seguindo a margem do rio mas não pelo caminho comum e aberto a todos, Sterling iniciou a longa caminhada para Las Cruces. Evitava ser visto por qualquer pessoa das pequenas granjas e ranchos pelos quais passava, certo de que todos já deviam estar avisados sobre alguém que o chefão queria caçar. Não entendia completamente a linguagem cifrada dos toques dos sinos, mas sabia que falavam dele e o ar da tarde estava cheio da vibração dos bronzes.

A noite o surpreendeu ainda em terras de McDowell. Estava esgotado por aquela jornada angustiosa, sem nenhum instante de repouso, agravada pela quase completa falta de sono da noite anterior. O cavalo, por sua vez, não aguentava dar mais um passo, e ele procurava encontrar algum abrigo onde repousar pelo menos um pouco. Momentos depois descobriu um

bosquete que nas sombras da noite já caída, lhe pareceu ideal para o que pretendia. Escolheu um lugar rodeado por mato alto, deu ordem ao cavalo para se abaixar, e juntos, homem e animal, sentiram o confortante frescor do verde que lhes servia de cama por aquela noite.

Dormiu quase imediatamente e nunca soube quanto tempo esteve adormecido. De repente uma força maior do que sua consciência o fez sentir o perigo próximo. Mas estava exausto demais para acordar, era como num sonho que ouvia vozes baixas:

— Temos que partir imediatamente se quisermos alcançar o Canyon do Abutre antes do sol nascer.

— Vamos, acorde o idiota...

Sterling sentiu algo como um coice de mula atingir suas costelas e pulou estonteado, grunhindo:

— O quê? O que foi? — e em seguida se deu conta de que fora caçado por três homens que lhe/apontavam revólveres. Um deles se adiantou e tirou seu cinturão-cartucheira indagando com ironia:

— Dormiu bem?

Outro já vinha com uma corda e amarrou suas mãos para trás. Sterling parecia um boneco sem vontade própria, deixava que tudo acontecesse como se fosse um simples espectador e nada daquilo estivesse acontecendo com ele mesmo. Simplesmente olhava para seus três captores com expressão apalermada.

— E a venda nos olhos? — indagou um dos homens.

— Para quê? — respondeu o que parecia ser o líder, dando uma risada. — A viagem desta camarada é só de ida, rapaz... John, ajude-o a montar.

Um pedaço de lua iluminou todo o vale, particularmente o caminho que a pequena caravana tomou. Agora atento, Max Sterling fez o mesmo trajeto que Alfred Miller fizera antes, internando-se cada vez mais no intrincado labirinto das montanhas, passando a um palmo de profundos precipícios, entrando e saindo de canyons estreitíssimos, os animais pateando em escarpas. Quando chegaram ao Canyon do Abutre o céu começava a ficar leitoso, anunciando o novo dia.

* * *

Desde a meia-noite se instalara uma atividade febril no abrigo do bando de Fosco Arenas. A guarda foi reforçada em todos os pontos; homens iam e vinham cuidando dos cavalos, encilhando os animais, grupos de patrulha tinham saído, emissários corriam de um lado para outro transmitindo as ordens do chefe. Tudo parecia indicar que ou a quadrilha ia sair para mais uma de suas investidas ou então que ia travar alguma batalha.

Na caverna, diante de uma mesa tosca coberta de papéis, Fosco Arenas acabou de ler umas notas, se levantou, deu novas ordens e olhando seu relógio de bolso indagou:

— Nada ainda?

— Os vigias não disseram coisa alguma — respondeu Joe, braço direito do bandido.

— Mande alguém ao Pico da Águia. Eles já têm que estar chegando pelo menos na entrada do desfiladeiro. Mande dois homens irem ao encontro deles. Devem disparar dois tiros para o alto quando os encontrarem. Temos que ganhar tempo. O resto está em ordem?

— Tudo pronto para a partida, senhor.

— Com dez mil demônios — Fosco Arenas estacou em seu passeio impaciente. — Temos que esperá-los. Eu disse que deviam estar aqui antes do dia nascer.

Joe saiu para cumprir as ordens do chefe, mas de repente houve um alvoroço, um homem chegou esbaforido e cinco minutos mais tarde a patrulha que trazia Sterling atravessou a esplanada de pedra que levava à caverna que era o quartel-general de Fosco Arenas. Ao chegar diante do chefão, o pequeno grupo se tinha transformado na reunião de todo o bando, com exceção dos que estavam vigiando. O homem que dirigia a patrulha empurrou Sterling para adiante dizendo em tom triunfal:

— Eu lhe trago um rural, chefe.

— Um rural? — um estranho brilho relampagueou nos olhos de Fosco Arenas.

— E dos grandes — voltou a falar o homem. — Nada menos que um tenente... — Desamarrou as mãos do prisioneiro, que as esfregou, para melhorar a circulação do sangue.

CAPÍTULO SÉTIMO

Mais uma batalha vencida

Fosco Arenas rodeou Max Sterling, olhando-o como se ele fosse algum fenômeno e indagou:

— Onde o caçaram?

— Dormindo no meio do mato. Pode acreditar, chefe, é o mesmo sujeito que andou pelo castelo fingindo-se entendido em minas de ouro. Tem que ser. E não é entendido em minas coisa nenhuma, não passa de um reles espião desavergonhado. Fugiu do castelo ontem de manhã e -não foi possível alcançá-lo.

— Como é que não foi? — bradou Fosco Arenas.

— Não sei, chefe, simplesmente não o alcançaram. Mas depois Teddy e os rapazes o encontraram. E ele acabou com os três...

Outro relâmpago passou pelos olhos do chefe do bando. E olhou para Sterling com olhos apertados, tentando não demonstrar admiração. Um homem que liquidava pistoleiros como Teddy, Brunn e Moss era mesmo um fenômeno.

— Impossível — berrou em seguida apontando com um dedo para o preso — impossível ter liquidado três homens como aqueles, sozinho. Quem ajudou você?

Sterling manteve o olhar no do bandido, firme e frio. Nenhum músculo de seu rosto sofria a menor alteração; sua respiração era regular e tranquila. Dava a impressão de se ter transformado numa estátua de pedra.

— Vamos, confesse que não liquidou aqueles três sozinho! — berrou de novo Arenas e desta vez Sterling sorriu. Um sorriso superior, distante, que foi mais ofensivo que uma bofetada. Fosco Arenas continuou olhando para ele com olhos que não eram mais que duas fendas cheias de maldade e por fim falou:

— Começo a crer que foi você mesmo o autor da façanha... Já me haviam dito que era perigoso, muito perigoso mesmo. De qualquer modo,

deve ter muita coisa para nos contar. Rapazes, levem ele para dentro, vou interrogá-lo enquanto os outros não chegam.

— Não perca seu tempo, Arenas — falou Sterling pela primeira vez desde que estava ali. — Sabe muito bem que não vou falar.

— Não? — Fosco Arenas passou o olhar intrigado pelos companheiros, quando seria muito natural que desse uma gargalhada de escárnio. Mas todos riram, menos ele, nisso era igual ao pai e prosseguiu: — ele não sabe com que métodos refrescamos a memória dos recalcitrantes... Aquilo é uma amostra... — estendeu o braço mostrando os cadáveres que continuavam pendurados num galho de árvore, meio comidos pelos abutres. — Naturalmente que os espiões são tratados de modo muito pior..., mas há um meio de morrer mais suavemente... é só me dar informações sobre uma força expedicionária que o governo está pretendendo mandar para cá.

— Nada tenho a dizer — respondeu Sterling e foi em seguida levado para dentro. O interrogatório foi tão duro que meia hora depois ele estava jogado no chão, sem sentidos.

— Continuamos, chefe? — indagou Joe vendo que Arenas deixava a sala onde se dera a tortura.

— Não, deixem ele se refazer para poder aguentar outra sessão igual — respondeu o bandido. — O que eu quero saber é onde andam aqueles idiotas...

Saíram todos deixando Sterling abandonado, moído de pancada, sangrando. Toda a manhã se passou sem que ele recobrasse os sentidos e sem que os quatro homens que Fosco Arenas esperava aparecessem. Sterling abriu os olhos mais ou menos ao meio-dia. Sentia-se quase morto e sabia que não escaparia com a repetição de tudo o que já sofrera. Fosco Arenas ia abrir a boca para dar a ordem de nova sessão de tortura quando um homem entrou na caverna correndo e anunciou:

— Estão chegando, chefe!

Os quatro emissários vinham de Las Cruces e traziam péssimas notícias. A força expedicionária enviada pelo Exército já estava na cidade, só esperando a ordem de iniciar uma operação pente-fino em cada polegada de terreno da região. Fosco Arenas ouviu tudo sem piscar um olho, e só quando o relato terminou, comentou:

— Que lástima... — e saiu andando devagar, com a cabeça inclinada. Os sinos, que desde a madrugada tocavam atenção sem mobilização imediata, estavam agora silenciosos. Mas de repente ele se animou e dando meia-volta bradou: — Vamos cuidar do prisioneiro. Seus olhos se encontraram com os de um dos homens que chegara de Las Cruces e disse: — Caçamos um deles, mas o sujeito é duro, até agora não disse nada. Venha, quem sabe você não o conhece?

Quando o olhar de Alfred Miller se encontrou com o de seu companheiro Max Sterling, ele teve impressão de que o mundo desabava sobre sua cabeça. Mas nem um músculo se moveu nas faces de ambos, nenhum sinal foi dado de que havia um forte laço entre eles. Refazendo-se, Miller deu um passo à frente e bradou:

— Mas com todos os diabos, é o tenente Sterling! Tenho uma conta pendente com ele, uma conta que já vai ficando velha, não é, tenente?...

Sterling olhou para Miller e pôs no rosto uma máscara de desprezo que enganou todo o bando que se acotovelava na sala da caverna.

— Vejo que vocês são velhos... amigos — comentou Fosco Arenas com um sorriso que pôs um calafrio na espinha de Sterling. Ao que tudo indicava ele era muito semelhante ao pai e um sorriso em seus lábios era sinal de perigo. — Nesse caso, pode ser que você o faça falar, até agora não conseguimos nada.

— Ninguém conseguirá, chefe — respondeu Miller. — Este idiota é feito de madeira de herói. Uma vez se meteu numa encrenca e para não comprometer um companheiro, quase perde o distintivo... É o maior palhaço que já conheci.

— Nesse caso, e já que tem uma conta com ele, liquide-o.

— Eu? — Miller não pôde deixar de indagar, estremecendo.

— Porque não? — replicou Arenas. — Você já liquidou um em Las Cruces antes de vir para cá, ponha outro na sua folha de serviço. Depois deste, seu nome em nosso grupo vai ficar mesmo sendo Mata-Rurais. — Arenas passou a Miller um punhal, cuja lâmina brilhou na sala mal iluminada.

— Chefe — respondeu Miller devolvendo o punhal — uma vez este palhaço me fez gramar um ano de presídio dizendo para todo mundo que eu era um covarde, juiz, jurados, espectadores. Chegou o momento de mostrar

a ele que estava enganado. Vou matar esse desgraçado, mas cara a cara, se não se opõe...

— Claro que não — respondeu Fosco Arenas. — Gostaria que todos os meus homens fossem como você, destemido, seguro de si, capaz de dar lições a certos canalhas mesmo numa hora de perigo. Mas não vou deixar que aja assim com esse indivíduo, ele é perigoso demais. Não sabe que ele liquidou três dos nossos?

— Glover me contou quando eu cheguei e para mim não é surpresa — respondeu Miller, lutando para que seus argumentos saíssem vencedores. — Se ele não fosse como é, não valia a pena enfrentá-lo cara a cara.

De novo Fosco Arenas sorriu e sem olhar para o capanga, ordenou:

— Joe, ponha um revólver na mão do tenente.

— Espere, chefe — bradou Miller dando um passo para Arenas. — Não vai querer que eu enfrente esse farrapo, não é? Seria o mesmo que assassinar um bebê. Não, eu quero que esse canalha vá para o inferno sabendo que sou macho de verdade; não quero que vá dizer a Satanás que eu me aproveitei da sua fraqueza... Posso esperar uns dias, se você concorda. Quando ele estiver em condições, vai ser o duelo mais sensacional de toda a minha vida.

— Homem, você fala igualzinho um livro... — Fosco Arenas deu um tapa amigável no braço de Miller. — Você tem razão, ele não vai sair daqui para parte alguma, temos tempo de sobra. Por outro lado, um tenente rural não é peça de se desprezar no caso de ser necessário barganhar com as autoridades...

— Inteligente e prático aqui é você, chefe — bajulou Miller com um tom de admiração.

— É isso, quando todos vão, mesmo você, eu já estou de volta... — fanfarronou Fosco Arenas feliz com o elogio. — Joe, monte um posto de vigia do prisioneiro. Desencilhem os cavalos e arranjem qualquer coisa para fazer — Arenas passou o olhar pelos seus homens. — Mas não quero saber de uma só rixa, uma briga, entenderam? Vamos ficar com o acampamento no maior silêncio possível — e saiu da sala de pedra onde estava Sterling, enquanto o grupo se dispersava.

Miller soltou o ar dos pulmões lentamente, aliviado. Vencia uma segunda batalha e a pequena trégua dada a ele e ao companheiro punha em seu coração um fio de esperança. Mas vencer ou não aquela guerra era coisa

ainda escondida nas dobras do futuro. De qualquer modo, tinha que aproveitar o tempo tentando fugir dali com Sterling. Mas não sabia como fazer. Só havia uma entrada e saída e ela estava sempre vigiada por homens que se revezavam a cada duas horas. A possibilidade mais atraente, mas igualmente perigosa seria de noite, numa troca dos vigias. Mas era coisa que devia ser bem estudada.

Durante o resto do dia andou de um lado para outro, examinando bem os arredores e estudando o plano capaz de tirá-los daquela situação desesperada. Tinha que jogar tudo numa só cartada e vencer. Se não vencesse, o fim seria terrível. Estava farto de ouvir os homens e mesmo Arenas contar como puniam os traidores; eles eram feridos barbaramente e pendurados vivos no galho da árvore do suplício, para que os abutres os bicassem até o último suspiro.

Finalmente deu o último retoque que era possível dar num plano que dependia de tantos fatores imprevistos e aproximando-se de Joe pediu:

— Me dê o quarto de vigia das duas às quatro; estou precisando de um bom sono...

— Claro, vá dormir — respondeu a sombra de Fosco Arenas.

Miller se deitou logo depois do jantar, mas apenas fingiu que dormia. Seus miolos ferviam com a idéia do que ia fazer. Por volta das onze se levantou quando alguns companheiros abandonavam uma partida de dados. Tomou o lugar de um deles, jogou por algum tempo, mas finalmente os outros parceiros resolveram ir dormir. Ele então pegou seu rifle e foi para a sala de pedra onde estava preso Sterling. Diante dela um homem cabeceava e acordou estremunhado quando ele lhe tocou o ombro:

— O que é? Houve alguma coisa? Mas não era Briggs quem vinha me substituir?

— Não vim substituí-lo, vou fazer o turno na entrada de duas às quatro e falta menos de uma hora para as duas. Que tal a gente encher o tempo com uma partidinha de dados? — Miller se sentou ao lado do vigia.

— Boa idéia, se Joe me pilha cochilando aqui, me esfola vivo — riu o guarda.

— Tudo está tranquilo. E seu prisioneiro?

— Parece que está meio louco, só faz olhar para a gente e para as paredes sem dizer nada. Era muito melhor pendurá-lo logo e acabar com a história.

— Estenda a manta — Miller se levantou jogando os dados para o guarda e pegando o lampião que ele tinha ao lado. Entrou na sala onde, estava Sterling, outra vez de pés e mãos atadas e atirado no fundo da peça. Ele parecia dormir

mas acordou com a entrada do companheiro e os dois sorriram mutuamente se entendendo. Em seguida Miller berrou:

— Sapo nojento, pensa que é melhor do que todo mundo, não é? — Aproximou-se mais de Sterling e sussurrou: — esteja preparado...

Com o revólver na mão, Miller retornou à entrada da sala de pedra. O vigia estava acabando de estender a manta para iniciar o jogo de dados quando o mundo desabou em cima dele. O homem tombou sem um gemido e, sem perder um só segundo, Miller o levantou e o levou para junto de Sterling.

— Depressa, tenente — disse cortando as cordas que prendiam seu superior! — Vai ter que trocar de roupa com esta belezinha aqui. Temos pouquíssimo tempo. Trate disso que eu vou vigiar a entrada.

Três minutos depois Sterling surgiu junto dele, pálido e um pouco cambaleante. Miller lhe entregou o rifle que o vigilante deixara apoiado à parede e juntos se afastaram da caverna, fazendo um rodeio para alcançar os vigias da entrada pelas costas. À leve luz de uma lua que lutava por vencer um espesso colchão de nuvens, os dois viram as silhuetas dos vigilantes. Depois de mandar Sterling prosseguir, encontrando a estreita passagem que levava para fora dos domínios de Arenas, Miller levantou mais o lampião que trouxera e os dois vigias, parecendo alarmados, foram ao seu encontro.

— Porque veio por aqui? — indagou um deles.

— Não é cedo demais para nos substituir? — perguntou o outro. — E quem estava com você?

— Bronco Kil, parece que ouvimos ruídos estranhos, como os de uma manada de lobos e resolvemos vir ver do que se tratava.

— Encontraram alguma coisa?

— Não, mas já que estamos aqui e falta pouco para a troca da guarda, vocês podem dar o fora, nós ficamos.

— Rapaz, você tem ideias sensacionais — riu um dos vigias. — Mas mantenham olhos e ouvidos alertas. Nós também ouvidos esses ruídos, mas não descobrimos coisa alguma. Em todo caso...

— Eram só lobos mesmo — cortou Miller. — E eles se recolhem aos covis assim que começa a amanhecer, o que não tarda muito. Bens sonhos... — Miller caminhou para o ponto exato onde os dois vigias tinham estado e se sentou. Quando perdeu a dupla de vista, saiu correndo e quase se chocou com Sterling.

— Depressa, tenente, não temos um segundo a perder. Se conseguirmos sair do círculo de pedras em que estamos, a vitória é nossa.

— Mas como poderemos nos afastar se não temos cavalos? — indagou Sterling seguindo o companheiro. Miller não respondeu. Estava mais interessado em fugir por aqueles caminhos que observara detidamente todo o tempo que permanecera no bando, e com um suspiro de alívio se viam fora do trecho mais perigoso da jornada.

— E agora? — indagou Sterling.

— Vamos ter que bancar os macacos — respondeu Miller. — O dia está clareando, logo vão descobrir tudo.

Os homens de Fosco Arenas descobriram a dupla fuga mais depressa do que os rurais imaginavam. O bandido que fora substituir o que guardava Sterling dera o alarme, e os dois vigias da entrada contaram a estranha história de Miller, indo substituí-los antes da hora prevista.

— Malditos escorpiões — rosnou Miller ouvindo o ruído que parecia um trovão distante, mas sabia que eram patas de cavalos lançados a galope. — Agora mesmo teremos que bancar macacos, tenente, venha por aqui, vamos nos agarrar nos arbustos deste precipício.

Sterling não vacilou, mas era no seu entender pura perda de tempo. Segurando-se em arbustos que tinham toda a aparência de não poder suportar seu peso, desceu com Miller para um abismo escuro. Conseguiram firmar os pés numa saliência da rocha e Miller suspirou:

— Aqui não vão nos encontrar...

— Eles não, mas as balas sim... — respondeu Sterling. — Se formos vistos é morte certa.

— Temos armas, se formos para o inferno levaremos pelo menos alguns deles — respondeu o sargento mantendo o ânimo elevado. Fique com seu rifle preparado.

Não era coisa muito fácil, mas a situação era desesperada e o jeito apareceu. No alto, o rumor da busca se aproximava cada vez mais deles, já ouviam claramente grites, ordens e latidos de cães de caça.

— Eles estão vindo direto para cá — observou Sterling — Vão nos descobrir.

— Prepare o rifle. Vise primeiro os cães e depois aproveite bem as balas.

Os cães tinham parado na beira do precipício, latindo furiosamente e um homem berrou:

— Estão aí mesmo, Joe, eu os vejo daqui!

Uma chuva de balas passou por cima dos dois rurais e no último momento Sterling reteve o companheiro pelo braço dizendo:

— Calma, Miller, não assome agora, levaria' uma bala na cabeça com toda a certeza. Vamos esperar que a chuva de balas cesse, aí vai ser um disparo e um homem, não esqueça que me recomendou aproveitar bem a munição que temos.

Os bandidos se tinham deslocado mais para a direita, de onde tentavam ver melhor os dois rurais, metidos numa pequena saliência da escarpa. Era uma luta tremendamente desigual, quase trinta rifles contra dois. Mas a posição difícil em que Sterling e Miller estavam oferecia alguma vantagem para a segurança dos dois e permitia que visassem os bandidos com maior precisão. Mas de repente tudo pareceu irremediavelmente perdido. Cinco ou seis homens de Fosco Arenas desceram o penhasco mais adiante, exatamente como Sterling e Miller tinham feito. Mas muito melhores conhecedores daquelas redondezas, tinham ido dar numa saliência de pedra que avançava bem além do ponto onde os rurais se equilibravam precariamente.

— Tem uma reentrância maior aqui — Sterling deu um puxão no braço de Miller, saltando para um abrigo mais eficaz enquanto as balas zuniam exatamente sobre o ponto onde eles tinham estado.

— Você quase me atira lá embaixo, tenente — Miller respirava como se tivesse corrido milhas e milhas. — Não tinha nem graça morrer da...

— Que diabo está acontecendo? — cortou Sterling esforçando-se para ver melhor, mas não conseguiu; a falha na pedra onde se metera com o sargento só permitia uma visão muito precária para a direita e não para onde estavam os atacantes. Mas havia de novo gritos, ordens, exclamações, os cães ganiram e de repente o barulho de patas de cavalos soou como um trovão longínquo, indicando que o bando de Fosco Arenas se retirava. — Mas por quê?

O silêncio voltou, profundo, para ser quebrado segundos depois por descargas rítmicas e prolongadas de muitos rifles.

CAPÍTULO OITAVO

Guerra ao terror

Os dois rurais se entreolharam e Miller bradou, unindo ação às palavras:

— Vamos sair daqui, tenente.

Também não era tarefa das mais fáceis se içarem até o alto do paredão de rocha, mas conseguiram, e Sterling se pôs a dar saltos, como maluco, bradando:

— Viva os Rurais! Viva o Exército!

Duas colunas de infantaria subiam a montanha em um movimento de pinça, enquanto um esquadrão de cavalaria vinha pelo meio galopando a toda. Não demorou a se aproximar dos dois rurais, que confirmaram as informações obtidas pelo comandante da força expedicionária em Las Cruces.

— É melhor vocês descerem — disse o comandante. — Não vale a pena correr o risco de serem confundidos com os bandidos; meus homens têm ordens de capturar todos os que encontrarem nestas montanhas e atirar para matar se houver resistência.

— Até breve então, comandante — despediu-se Sterling e junto com Miller desceu em seguida. Mas não se afastaram do sopé, ficaram lá ouvindo o fragor da batalha que se travava no alto, em pleno coração do esconderijo até então ignorado de Fosco Arenas.

A resistência foi feroz, mas a força expedicionária era composta de homens especialmente treinados para combater em terreno escarpado. Se Sterling e Miller tivessem visto a facilidade com que aqueles homens se dependuravam à beira de precipícios, passavam por locais onde parecia impossível passar um ser humano, teriam morrido de inveja, lembrando o que sofreram. E eram numericamente superiores ao bando de Fosco Arenas. Sua missão era específica e pelo meio da tarde a força desceu a montanha vitoriosa.

No sopé estavam Sterling, Miller, o comandante do Destacamento de Rurais de Las Cruces e alguns dos seus homens. O chefe do destacamento

não se conteve, saltou para Alfred Miller e o abraçou longamente, numa espécie de dança índia, bradando:

— Deu certo, rapaz, era a loucura mais completa que já tinha visto em minha vida, mas deu certo. Graças a você, aqueles patifes foram liquidados — largou Miller e se encaminhou de mão estendida para o comandante da força expedicionária, prosseguindo: — graças ao senhor também, coronel, ac senhor e aos seus homens...

— Certo, certo... — o comandante olhou para Miller e indagou: — você é o tenente Sterling?

— Não senhor, o tenente é ele... — apontou Miller.

— Tivemos muita sorte, amigo — o comandante apertou a mão de Max Sterling. — Aquele missionário me encontrou exatamente na entrada de Las Cruces e me entregou o informe que você tinha mandado.

— Fico feliz com isso, senhor. O reverendo O'Hara está bem?

— Muito bem, alojado em meu quartel — respondeu rindo sem graça o chefe do Destacamento de Rurais, estendendo a mão para o tenente. — Não estou desmerecendo o que fez, mas estive mais perto do seu companheiro que me forçou a fazê-lo entrar para o bando de Arenas. Aquele desenho que me passou com a localização do esconderijo, me pareceram simplesmente sensacionais...

— Mas que história é essa? — riu Sterling olhando para Miller intrigado. — De que desenho ele está falando?

— Fosco Arenas mandou quatro homens xeretar por Las Cruces, recorda? — Sterling balançou a cabeça afirmando e Miller prosseguiu: — eu tive a idéia de fazer um desenho do caminho exato que levava ao esconderijo dele. Só tinha um toco de lápis e nenhum papel. Mas me lembrei da minha carteira de cigarros. Devagar, para não causar suspeita aos companheiros, fui traçando o caminho enquanto viajávamos e depois guardei o desenho no bolso junto com os cigarros.

— Em Las Cruces, ele e os companheiros andaram por tudo que foi bar, saloon e casas de diversões. Por sorte eu o reconheci e saí para o saloon Palladium, onde eles ainda não tinham estado. Alguma coisa me dizia que Miller ia se comunicar comigo de algum modo — comentou todo eufórico o chefe do destacamento. — E aconteceu. Juro como jamais vi semelhante demonstração de audácia e cinismo! Conte a eles, Miller...

— Bem, nós íamos entrando no Palladium quando um dos homens me segurou pelo braço avisando que o chefe do Destacamento dos Rurais na cidade estava lá dentro. É um homem igual a mim, não é? — eu indaguei, acrescentando que se ele estava com medo isso não acontecia comigo. Entrei, cheguei ao balcão, colocando-me bem junto do chefe e pedi uísque.

— E aí você grunhiu para o dono do Palladium que estava com a cachorra e que não se importava de acabar com um, nem que ele fosse um boneco de uniforme... — riu o chefe do destacamento.

— O dono do saloon ficou de todas as cores do arco-íris e disse que não ia me vender coisa alguma — riu Miller. — Eu levei a mão ao revólver e fiz novamente o pedido, sendo atendido imediatamente... Se deu conta de que era um espião de Arenas, chefe?

— Claro, está de molho na cadeia da cidade...

— Bem, eu engoli meu uísque, procurei cigarros nos bolsos, tirei a carteira vazia, fiz com ela uma bolinha que joguei ostensivamente em cima do balcão, bem perto do chefe e pedi nova carteira de cigarros. Paguei tudo e sai grunhindo ameaças.

— Me digam, não foi um desempenho soberbo? — bradou o comandante do destacamento. Parecia um pai contando as gracinhas do seu pimpolho. — Eu então deixei que Miller saísse, resmunguei ameaças também, peguei a carteira de cigarro como se estivesse com raiva e deixei o Palladium. Dez minutos depois o dono do saloon estava preso.

— E eu de posse do desenho — riu o comandante da força expedicionária. — Com o informe que o reverendo havia trazido, tudo estava pronto para entrarmos em ação. Só não havia escolhido ainda a ocasião, mas quando ouvi aquele tiroteio, decidi que não devia perder a oportunidade.

— Foi um trabalho excelente — comentou Sterling apertando a mão do sargento Miller. E dirigindo-se ao coronel: — só fizeram estes dois prisioneiros?

— Só, o resto, inclusive Fosco Arenas, morreu. Um desses homens o identificou. Agora pode se dizer que o bando foi completamente desbaratado.

— Lamento, coronel, mas não é assim — retrucou Sterling. — Falta o mais importante, o verdadeiro chefe do bando, o cabeça de tudo.

— Onde está ele? — o coronel passou os olhos pelos demais, surpreso.

— No castelo dos McDowell. Trata-se do castelão, Michael McDowell.

— Impossível — bradaram ao mesmo tempo o coronel e o chefe dos rurais.

— Parece, mas não é — sorriu cansadamente Sterling. — Tenho mais revelações a fazer e estou absolutamente certo do que digo. Fosco Arenas era filho de Michael McDowell...

— Filho? — repetiu o coronel.

— De McDowell? — quase se engasgou o chefe do Destacamento de Rurais.

— Isso mesmo. O filho mais velho de Michael McDowell, com sua primeira mulher, uma princesa índia. É o filho mais velho, em muita coisa parecido com o pai e não um chefe autônomo, mas simples instrumento da monomania de poder do velho. Todas estas terras, este condado, como McDowell gosta de chamar, está contaminado pela loucura obsessiva dele. Cada fazenda, cada rancho, cada granja, cada família que existe em terras de McDowell é um reduto destinado a perpetuar o domínio pelo terror.

— Pode ser mais claro? — pediu o coronel.

— É um verdadeiro exército, senhor, comandado de dia pelo som de sinos, de noite por um sistema de luzes. Um exército de mais de quinhentos homens armados até os dentes, que McDowell tem à sua disposição a qualquer momento que faça funcionar seus sinos ou seu sistema de luzes. E é preciso acabar com isso agora, já, de. surpresa, antes que Michael McDowell tenha tempo de convocar sua gente e produzir uma chacina.

— Você se referiu a esses sistemas no informe que mandou pelo reverendo O'Hara, mas ouvido assim de sua boca parece que a coisa fica muito pior... — comentou o coronel. — Quinhentos homens?

— Talvez mais.

— É um assunto gravíssimo, vou ter que me comunicar primeiro com meus superiores e então...

— Impossível, coronel, não ouviu o que eu disse? — bradou Sterling. — Não estou exagerando, se McDowell fizer soar o sino junto do castelo convocando sua tropa, o senhor vai se ver diante da maior matança da história deste país, pois só assim vai poder dominar aquela gente.

— Mas então...

— Então eu lhe peço um tempo, coronel — cortou Sterling — tenho um plano...

* * *

Naquela noite um silêncio terrível envolvia o salão do castelo dos McDowell. Nem a mulher nem os filhos de Michael McDowell estavam lá, bordando, jogando gamão, tocando órgão. Só ele estava junto da janela, fumando seu cachimbo e olhando o céu suavemente banhado pela luz da lua. Fora acontecia a mesma coisa, o silêncio era profundo. Nem parecia que uma grande quantidade de homens estava tomando posição em torno do castelo.

De repente um cavalo entrou na esplanada, fazendo o vigia do sino dar um salto, apontando a arma para o animal. Quando ele chegou mais perto viu melhor o vulto deitado e atado sobre a montaria. Um grito abafado saiu de sua garganta e abandonando o posto, ele puxou o cavalo pela brida até a porta lateral do jardim. Em seguida pareceu que a construção inteira estremecia. A negra Ana entrou no salão soluçando e só conseguiu dizer:

— Fosco... Fosco... — mas foi o suficiente para que Michael McDowell saltasse de sua cadeira e se despencasse escada abaixo até onde estava o cadáver de seu filho mais velho. Entre soluços, ele só atinava a acariciá-lo, murmurando:

— Meu filho, meu filho...

Em torno dele já se aglomerava uma pequena multidão silenciosa, e de repente, sua ira foi maior que a dor e ele berrou:

— Quem foi? Quem matou meu filho?

— A justiça, McDowell — uma voz potente respondeu, vinda de certa distância.

— Quem está aí? — McDowell avançou para o jardim em penumbra.

— A lei — respondeu a mesma voz. — Ela está aqui para pedir-lhe contas de todos os seus crimes.

— A lei sou eu — berrou McDowell desatinado, batendo no peito. — Sou eu. — Voltou para casa, e antes de fechar a porta com força berrou novamente: — Aqui sou a lei, a justiça, sou deus! — Subiu para uma das torres do castelo e puxou com força a corda que movimentava o badalo de um sino de bronze que tinha quatrocentos anos de idade. 'Mas o do jardim não respondeu, como não responderam nenhum dos outro, espalhados em todos os quadrantes de suas terras. Alucinado, ele fez o badalo vibrar milhares de vezes, até se sentir sufocado. A voz de fora, a voz que ele

reconhecia perfeitamente como a do homem que se dizia entendido em minas de ouro voltou a soar:

— Não insista, McDowell, é inútil, o melhor que faz é se entregar, terá um julgamento justo.

— Arthur, Richard — McDowell desceu berrando pelos dois filhos — Stack, Donell, Lockart, todos, façam calar essa voz seja como for — e voou para a sala de armas. Pegou um rifle, correu para uma das janelas e arrebentando a vidraça, disparou para fora uma saraivada de balas. De novo houve uma movimentação nervosa em todo o castelo e adjacências e uma força de resistência foi montada. McDowell disparava como louco e gritava: — Calem essa voz, não vacilem, a única voz que tem valor aqui é a minha, entenderam? A minha!

Então, agudo, como uma trombeta do juízo final, soou um toque de clarim. No silêncio que se seguiu, a voz voltou a soar.

— Pela última vez, Michael McDowell, se renda enquanto é tempo. Pode pôr a cabeça para fora, asseguro que não lhe acontecerá nada. Quero só que veja que todo o seu castelo está cercado por forças do Exército, o seu poder chegou ao fim.

— Fogo! — berrou McDowell com toda a força dos seus pulmões. — Fogo incessante!

Os cadáveres dos defensores do castelo começaram a se empilhar. Alguns feridos se arrastavam procurando abrigo seguro. McDowell continuava a gritar e a atirar. A luta durou quase uma hora. McDowell tinha um ferimento num ombro e outro no braço. O cano dos rifles que usava estava ardente, e o sangue escorria empapando suas roupas. Mas ele não parava. Mulheres choravam, feridos gemiam, mais mortos caíam com brados de terror, mas ele não se rendia.

O fogo inimigo diminuiu um pouco e a voz que o irritava até o desespero voltou a soar:

— Renda-se, McDowell, ainda está em tempo.

Ele ia responder, mas uma bala alcançou seu peito. Só mesmo alguém louco como ele estava poderia continuar de pé depois de um tal ferimento. Só caiu quando suas forças lhe faltaram por completo. Mesmo assim não estava morto e em sua mente doente ainda havia a idéia de que precisava fazer mais alguma coisa. Arrastou-se pelo tapete da sala e alcançou o lampião. Espalhou o conteúdo dele por cima do que foi possível alcançar.

Levantou-se com um esforço terrível e andou de sala em sala repetindo a operação. Estava em seu escritório, na portentosa sala de armas que Max Sterling havia admirado quando sentiu que não podia mais. Então acendeu um fósforo e o atirou numa cortina molhada de querosene.

A chama irrompeu e num abrir e fechar de olhos estendeu-se por toda a casa. Mulheres e crianças, que se tinham abrigado no castelo saíram correndo e gritando de pavor, obedecendo a voz que de fora ordenava:

— Saiam todos, depressa, saiam todos, o castelo está ardendo.

No céu, por cima das Montanhas Brancas, o sol começava a surgir.

* * *

Em companhia do coronel e do chefe do Destacamento de Rurais em Las Cruces, Max Sterling e Alfred Miller passaram revista a todos os cadáveres que foi possível encontrar. Entre eles não estavam os de muita gente, nem o de Michael McDowell, sua mulher e seus filhos. Com toda certeza ficaram carbonizados no incêndio. A viúva Stanton e sua filhinha Anny estavam bem, só tinham sofrido o susto. Sterling se aproximou de um dos homens aprisionados e disse:

— Venha, vamos tocar reunir...

— Mas... eles não vieram quando o patrão chamou...

— Mas virão agora — sorriu o rural e o homem obedeceu. O ar fresco da manhã se encheu do alegre repique dos sinos e meia hora depois levas e levas de famílias guardadas por parte dos soldados que tinham desmantelado o esconderijo de Fosco Arenas começaram a chegar ao castelo. Só as onze da manhã o coronel pôde dirigir-se a todos, dizendo:

— Ponham em suas cabeças que o tipo de vida que tinham aqui acabou de uma vez para sempre. Dentro de quinze a vinte dias será instalado em Las Cruces um posto de registro de terras, segundo a lei da colonização. Cada homem, cada mulher, tem o direito de registrar como sua o pedaço de terra em que vive e que cultiva. Há terras bastante para todos e nenhuma disputa será tolerada. O império do terror foi desmantelado, todos vocês terão que viver agora no império da justiça e da lei.

* * *

A força expedicionária se estava retirando, o Destacamento de Rurais em Las Cruces tinha voltado à sua vida normal, Alfred Miller cavalgava à

retaguarda dos soldados. Bem para trás tinha ficado Max Sterling, que desviando um pouco o cavalo, seguiu adiante guiado pelos doces sons de uma ocarina.

— Olá, avô, vejo que se recuperou bem depressa — saudou ele, desmontando e sentando-se junto do velho pastor de ovelhas.

— Sou madeira de lei... — a cara do velho se iluminou de alegria ao ver o rural. E você, como vai?

— Maravilhosamente. E como prometi a você, estou de volta.

— E vitorioso, pelo que contam por aí... Diabo, parece que suas razões foram mais poderosas do que as do velho McDowell — concluiu com uma risada.

— Exato, as razões da justiça e da lei sempre são... Parei aqui mais para fazer-lhe um convite. Que tal uma temporada na cidade grande, com todo o conforto moderno?

O velho Tom se sentou depressa, parecendo alarmado, mas depois sorriu respondendo:

— Muito obrigado pelo convite jovem, mas não posso aceitar. Como eu já lhe disse, tenho tudo o que desejo aqui este é o meu império, o verde dos bosques e da pradaria, a luz do sol, a carícia da chuva, minhas ovelhas, a música da minha ocarina. O tempo é pouco, tenho que aproveitar tudo isso ao máximo antes de ir repousar para sempre debaixo desta terra generosa. Não aceito, mas me sinto muito honrado com o seu convite — concluiu estendendo a mão para o rural.

— Eu compreendo, avô. Mas se um dia precisar de mim, já sabe onde me encontrar, é só perguntar pelo tenente Sterling em Dallas.

— Capitão...

— O quê?

— Capitão... — riu o velho Tom. — Se depois desta eles não o fizerem capitão, juro como vou a Dallas dizer a eles umas verdades...

— Ótimo, avô — riu Sterling apertando a velha mão calosa. — E se um dia resolver aprender a tocar ocarina, juro como venho pedir a você que seja meu professor.

Max Sterling montou e galopou até onde o sargento Alfred Miller parara para esperá-lo. Um sol de fogo queimava impiedosamente a imensa planície mas ao longe a fita do rio e o verde em torno, eram como uma promessa de esperança.

FIM

GRANDE PROMOÇÃO

A EDITORA MONTERREY está oferecendo aos seus leitores, com um desconto de 50% (cinqüenta por cento), os livros relacionados nas páginas seguintes.

Ao solicitar os livros não se esqueça de mencionar o código, o título, o preço e o desconto a que tem direito.

Faça hoje mesmo o seu pedido, pois esta promoção é limitada.

A **EDITORA MONTERREY** também pode lhe oferecer pelo **Reembolso Postal** os livros de sucesso das melhores editoras do Brasil

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

RC-216	O PIMPINELA ESCARLATE DO VATICANO — J. P Galagher	Cr$	500,00
RC-178	O PIRATA DO ANTARTICO — Mc. Laughlin	Cr$	600,00
NF-091	O SEGREDO DE SANTA VITORIA — Robert Crichton	Cr$	700,00
NF-090	O SOLDADO DA FORTUNA — Fatos curiosos da guerra — Eric Ambler	Cr$	700,00
NF-093	OPERAÇÃO ZEBRA — Missão do submundo atômico — Alistair Maclean	Cr$	800,00
RC-209	ORDEM DE COMBATE — 2.ª Guerra Mundial — Alfred Coppel	Cr$	900,00
NF-092	OS CANHÕES DE NAVARONE — Alistair Maclean	Cr$	800,00
RC-218	OS ÚLTIMOS DIAS DE HITLER — H. R Trevor Rope	Cr$	900,00
RC-205	OS ZEPELINS NA GUERRA — 1914 — Arch Whitehouse	Cr$	700,00
RC-211	SABOTAGEM — Um comando suicida inglês — Burke Wilkinson	Cr$	900,00
RC-219	SANGUE NO OBELISCO — Relato da única testamunha da terrivel execução de prisioneiros de guerra — George Marton	Cr$	800,00
RC-185	TOPAZIO — 1962 — Alta espionagem — Leon Uris	Cr$	1.300,00
NF-100	UM HOMEM CHAMADO "LUCY" — Espionagem de guerra — Pierre Acoce	Cr$	800,00
RC-183	UNIDOS COMO IRMÃOS — Missão perigosa na China — Ernest Gann	Cr$	900,00

SOCIOLOGIA — ANTROPOLOGIA — COMUNICAÇÃO

RC-405	A FAUNA HUMANA — Análise e comentários — Desmond Morris	Cr$	600,00
SV-149	A LINGUAGEM DA EDUCAÇAO — Israel Scheffler	Cr$	100,00
CB-036	A PERSONALIDADE NEUROTICA DO NOSSO TEMPO — Karen Horney	Cr$	500,00
CB-035	AMAZÔNIA, A ILUSAO DE UM PARAISO — Betty Meggers	Cr$	800,00
FA-019	ANÁLISE DE PESQUISA SOCIAL — Ciências humanas — Toni Tripodi	Cr$	1 100,00

FA-018 ANTROPÓLOGOS E ANTROPOLOGIA — Estudo da origem do homem — Kuper	Cr$	1.100,00
SV-131 APRENDENDO E CRESCENDO — Joseph Lauris Braga	Cr$	600,00
SV-130 APRENDIZAGEM E ESTRUTURAS DO CONHECIMENTO — Barbel Inhelder	Cr$	600,00
SV-132 ATIVIDADES NA PRÉ-ESCOLA — Cultura infantil — Idalina Ferreira	Cr$	1 600,00
LT-116 ATLAS PARA ESTUDOS SOCIAIS — Ensino — João Rodrigues	Cr$	600,00
RN-020 BRASIL VIVO — Retrospectos da sociedade — R. Moriconi	Cr$	2 800,00
RN-021 CINEMA E EDUCAÇÃO — Questões abertas — Irene Tavares de Sá	Cr$	1 500,00
LT-117 COMO ELABORAR UM CURRÍCULO — Guia prático — Mariana Couto	Cr$	400,00
RC-410 COMO FALAR EM PÚBLICO E INFLUENCIAR PESSOAS NO MUNDO DOS NEGÓCIOS — D. Carnegie	Cr$	800,00
SV-134 COMO MOTIVAR OS ALUNOS DE HOJE — Walter F. Drew	Cr$	300,00
RC-406 CONVERSAR E CONVENCER — Grace Nutley	Cr$	600,00
SV-144 CURSO DE LATIM — Nível universitário — Dino Fontana	Cr$	1 000,00
SV-135 CURSO DE PLANEJAMENTO DA EDUCAÇÃO — Raymond Polgnat	Cr$	500,00
SV-150 DESENVOLVIMENTO E ECOLOGIA — A proteção ambiental — Fábio Nusdeo	Cr$	300,00
SV-151 DICIONÁRIO PROFISSIONAL DE RELAÇÕES PÚBLICAS E GLOSSÁRIO DE TERMOS ANGLO-AMERICANOS — Teobaldo de Andrade	Cr$	800,00

Continua no n.º 36 da Coleção MULHER & COLT

Faça hoje mesmo o seu pedido para:
EDITORA MONTERREY LIMITADA
Departamento de Reembolso Postal
Rua Visconde de Figueiredo nº 81
Caixa Postal nº 24.119 — ZC-09
20.550 — Tijuca — Rio de Janeiro

JÁ CHEGOU

EM TODAS AS BANCAS

COLEÇÃO

CHUMBO MORTAL

O MELHOR BANGUE BANGUE
DO OESTE NORTE-AMERICANO.

NOVELAS INÉDITAS

PEÇA AO JORNALEIRO

EDITORA MONTERREY

PREÇO DESTE EXEMPLAR: **Cr$ 150,00**